

VALOR

ECONÓMICO

5 de Dezembro 2016
Segunda-Feira
Semanário - Ano 1
Nº 38 / kz 400
Director-Geral
Evaristo Mulaza

Angola corta 87 mil barris

A efectivação do acordo entre os membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo vai obrigar Angola a um corte na produção de 87 mil barris por dia. O corte deve juntar-se aos esforços da OPEP que quer o barril do petróleo entre os 55 e 60 dólares. Pág. 16



Mário Mujinas © AE

SUCESSÃO PRESIDENCIAL

Decisão final discutida nas bases

POLÍTICA. A decisão sobre o cabeça de lista do MPLA às eleições de 2017 vai ser discutida nas bases do partido. Na última sexta-feira, o país travou a respiração para ouvir o comunicado final da segunda sessão ordinária do Comité Central do MPLA, mas o tema da sucessão não apareceu incluído. José Eduardo dos Santos propôs às estruturas do seu partido João Lourenço, para candidato a Presidente da República, e Bornito de Sousa para vice-Presidente. Pág. 8



TENDÊNCIA DE QUEDA DESDE 2013

Receita da Sonangol recua 5,47%

A receita bruta da petrolífera deve recuar 5,47% para os 15.325 milhões de dólares em 2016, segundo comunicou a equipa liderada por Isabel dos Santos que criticou a política de investimentos da companhia, dos últimos 15 anos, por não ter gerado os resultados esperados para o accionista. Pág. 18

Moedas AKZ USD 166,7 Kz (+0) ▲ EUR 176,9 Kz (-0,2) ▼ LIBRA 208,1 Kz (+1,2) ▲ YUAN 24,1 Kz (-0,2) ▼ RAND 11,9 Kz (+0,3) ▲



DIGITOS & NÚMEROS

Contabilidade & Consultoria Fiscal

Tel: +244 945 766 958 e-mail: digitos.numeros@gmail.com

Descarregue a App

Visite o website: www.valoreconomico.co.ao



A SUCESSÃO

O comunicado final da reunião do Comité Central do MPLA, na última sexta-feira, não mencionou a sucessão de José Eduardo dos Santos, dentro do MPLA, na corrida às eleições de 2017. Mas essa omissão não alterou o sentido de toda a informação e da análise sobre as mudanças que se projectam no partido, por vontade expressa de José Eduardo dos Santos. A perspectiva da indicação definitiva de João Lourenço e de Bornito de Sousa para as primeiras duas posições da lista do partido que vai a votos mantém-se. O VALOR ouviu várias vozes destacadas do partido que a confirmam, mas ao mesmo que remetem a decisão final para um pronunciamento das estruturas de base do partido.

O raciocínio por detrás das correntes que apelam à permanência de José Eduardo dos Santos levanta um problema lógico para o presidente do MPLA.

José Eduardo dos Santos renovou a liderança incontestável no partido há menos de quatro meses. Foram expressivos 99,6% dos delegados ao Congresso que declararam apoio à continuidade.

E, olhando para o contexto de vizinhança de eleições gerais em que o Congresso do MPLA decorreu, é razoável assumir que o sentido de voto no conclave sinalizou a vontade dos militantes de verem José Eduardo dos Santos como cabeça de lista no partido às eleições de 2017. Não é difícil, por isso, perceber a crítica mordaz que chegou de um proeminente militante do MPLA. Aquela segundo a qual a desistência de José Eduardo dos Santos, depois de vencer o Congresso, soaria a uma traição para as correntes que lhe renovaram confiança.

É possível colocar a análise noutra perspectiva para se aferir, de forma completa, a frustração dos defensores da continuidade. O vice-presidente proposto para cabeça de lista não reuniria tamanho consenso no Congresso, ain-

da que concorresse no partido com o apoio expresso de José Eduardo dos Santos. É esse o já referido problema lógico que se coloca ao líder dos 'camaradas'. Mas não é o único. Vista na perspectiva da concorrência político-partidária, no quadro das eleições do próximo ano, a saída de José Eduardo dos Santos fragiliza em toda a linha o MPLA. Os factos são irrefutáveis e todos se entrecruzam com o factor tempo. A sucessão presidencial, confirmando-se agora, significaria que não se tratou de um projecto suficientemente amadurecido. Por razões óbvias, um partido que contabiliza quase quatro décadas da mesma liderança precisaria necessariamente de uma transição mais folgada, em matéria de tempo. Tanto mais porque está em causa o mesmo partido que comanda o país desde a sua existência como Estado independente, ainda que tenha partilhado a gestão do território por quase três décadas, por conta da guerra.

Aqui chegados, voltamos à omissão do comunicado do Comité Central, saído da reunião de sexta-feira. Até o MPLA divulgar oficialmente os nomes de João Lourenço e Bornito de Sousa é pacífico relativizar as ansiedades. Afinal, em política, dois mais dois nem sempre é igual a quatro.



FICHA TÉCNICA

Director-Geral:

Evaristo Mulaza

Directora-Geral Adjunta:

Geralda Embaló

Editor Executivo: António Nogueira

Editor gráfico: Pedro de Oliveira

Redacção: António Miguel, Edno Pimentel, Isabel Dinis, José Zangui, Mateus da Graça Filho, Nelson Rodrigues e Valdimiro Dias

Fotografia: Manuel Tomás, Mário Mujetes e Santos Samuesseca

Paginação: Francisco de Oliveira, João Vumbi e Edvandro Malungo

Revisores: Edno Pimentel, Evaristo Mulaza e Geralda Embalo

Colaboradores: Cândido Mendes

Produção gráfica: Notiforma SA

Propriedade e Distribuição: GEM Angola Global Media, Lda

Tiragem: 4.000 **Nº de Registo do MCS:** 765/B/15

GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA Administração:

Geralda Embaló e Evaristo Mulaza

Assistenete Administração: Mariquinha Rego

Departamento Administrativo: Jessy Ferrão, Nelson Manuel

e Valdimir de Almeida

Departamento comercial: Arieth Lopes, Geovana Fernandes
comercial@gem.co.ao,

Tel.: +244941784790-(1)-(2)

Nº de Contribuinte: 5401180721;

Nº de registo estatístico: 92/82 de 18/10/82

Endereço: Rua Fernão Mendes Pinto, nº 35, Alvalade,
Luanda/Angola, Telefones: +244 222 320510,
222 320511 Fax: 222 320514

email: administracao@gem.co.ao

A semana

3 PERGUNTAS A...



Luís Marques

DG da Ernst & Young Angola

Acordos com outros países para a eliminação da dupla tributação podem contribuir para a atracção de maior investimento privado para o país?

Os acordos de dupla tributação poderão criar incentivos aos investidores dos países interessados em investir em Angola e aumentar o volume de negócios no país, o que, certamente, irá possibilitar a aceleração do processo de diversificação da economia nacional.

Como avalia o processo de diversificação da economia em curso no país?

Para que o processo de diversificação económica seja mais célere, é necessário que se continue a criar condições adequadas que permitam aos empresários investir no sector produtivo do país e exportar os produtos nacionais.

Que estratégias as empresas deverão adoptar para resistir aos impactos da crise?

A sobrevivência de cada empresa no contexto actual depende, em grande medida, da observação crítica da estrutura de custos e na tomada de decisões acertadas, evitando o declínio ou falência. Cada empresa deve rever as suas políticas de negócios e actuar em conformidade com os desafios que possui.

TERÇA-FEIRA

O Banco Comercial da China vai financiar o Estado com 4,5 mil milhões USD para a construção da barragem de Caculo Cabaça, Kwanza-Norte, a de maior potência do país. O contrato foi assinado em Pequim, pelo ministro das Finanças, Archer Manguera, e a administração do banco chinês.

QUARTA-FEIRA

O ministro do Comércio, Fiel Constantino, declarou que o abastecimento de produtos alimentares para a quadra festiva está assegurado, “o que vai permitir aos consumidores passarem o período festivo sem sobressaltos”. O governante falava na Comissão Económica e da Comissão para a Economia Real do Conselho de Ministros.

QUINTA-FEIRA

O presidente da Associação das Indústrias de Panificação e Pastelaria de Angola, Gilberto Simão, anunciou que se pretende baixar o preço do pão, a partir de Janeiro, a 10 kwanzas, com a criação de micro, pequenas e médias moageiras e de uma central de compras.



SEGUNDA-FEIRA

A multinacional australiana Lucapa anunciou a aprovação formal, pelo Governo angolano, de uma nova licença de exploração mineira para uma área de três mil quilómetros quadrados do projecto Lulo, na Lunda-Norte. A licença, aprovada pelo ministro da Geologia e Minas, Francisco Queiroz, será válida por cinco anos.

SEXTA-FEIRA

O Instituto Regulador dos Serviços de Electricidade e de Água (IRSEA) participará no dia 6, em Maputo, Moçambique, na VIII Assembleia Geral e a IX Conferência Anual da Associação das Reguladoras de Energia dos Países da Língua Oficial Portuguesa (RELOP), anunciou a instituição.



SÁBADO

Uma delegação do BNA, chefiada pelo governador Valter Filipe, que inclui a Associação Angolana de Bancos (ABANC), deslocou-se à Itália e ao Reino Unido, no sentido de firmar as relações em curso do sistema bancário nacional junto dos centros financeiros mundiais.

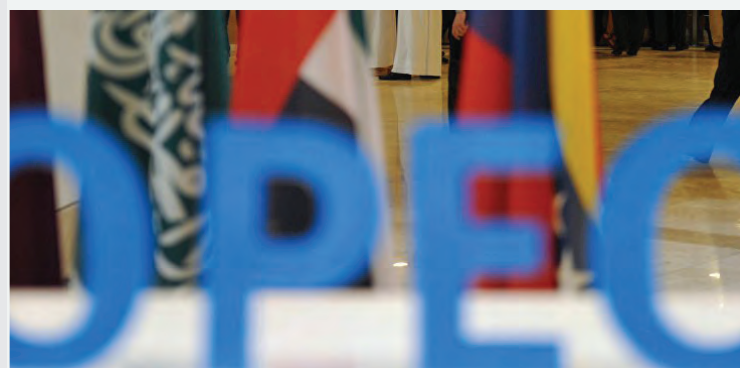


DOMINGO

O embaixador da Holanda em Angola, Willem Aalman, manifestou, no Huambo, o interesse de empresários do seu país em desenvolver a agricultura na província. O diplomata declarou que o interesse se insere no âmbito do protocolo de cooperação com o Governo angolano.



COTAÇÕES



EUA JÁ GANHAM COM CORTES DA OPEP

Os primeiros sinais de ganhos e estabilidade de mercado no sector petrolífero mundial após ‘acordo OPEP’ esperam-se em 2017. Mas há já quem esteja a somar com o reposicionamento dos países membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP): os Estados Unidos da América (EUA). Os produtores americanos aproveitam o ‘rally OPEP’ para garantirem receitas em 2017, por via de operações de ‘hedging’. Ou seja, os americanos estão prevenidos das flutuações.



UM ‘NOVO CEO’ DEIXA CAIR ÍNDICES DO PSI20

A Bolsa de Lisboa fechou a semana a perder 0,31%, na última sexta-feira, para os 4.421,78 pontos, com a maioria dos títulos negativos. Na base, estão as atenções do mercado que se fixaram na escolha do novo presidente da Caixa Geral de Depósitos, Paulo Macedo. A Galp Energia perde 1,34%, a corrigir dos ganhos das últimas duas sessões. A contribuir para o desempenho negativo do índice português, estão ainda as acções do BCP (-0,44%), CTT (-0,81%), EDP renováveis (-0,51%), entre outras cotadas.

Entrevista

LOURDES CAPOSSO FERNANDES

“A Lei cambial não conforta, precisa de ser revista”

Mais uma voz junta-se às várias que, nos últimos anos, vêm questionando a viabilidade do regime cambial petrolífero, aplicado desde 2012 pelo Banco Nacional de Angola. Lourdes Caposso Fernandes, empresária enraizada no negócio do petróleo, entende que, pelos vários problemas que tem causado, a lei deve ser revista e analisada. Sobre a Sonangol, afirma estar no caminho certo, com a concentração da empresa no negócio ‘core’.



Por António Miguel

Como está Angola, em termos de ‘compliance’? Em 2015, no Fórum Africano de Finança Económica e Compliance, FAFEC, informámos que, pelo facto de Angola, às vezes, não cumprir as regras internacionais de conformidade com a ética, transparência e anti-corrupção, teríamos problemas entre os bancos angolanos e os bancos estrangeiros. Isto mostra que esse tipo de fóruns são até informativos. O professor Alves

da Rocha até foi mais longe, dizendo que Angola corria o risco de não ter acesso a uma moeda que é transaccionada no produto de exportação de bandeira, que é o petróleo. É, aliás, por isso que, este ano, realizámos o FAFEC no país do dólar, já que o nosso problema é o dólar.

Mas diria que os desafios internos, a este nível, são enormes? O ‘compliance’ tem um desafio grande, que é o desafio humano. Por isso, providenciamos cursos não tanto para as instituições bancárias, mas para os bancários. Quem tem de conhecer bem a legislação nacional e internacional sobre o ‘compliance’ é quem a pratica todo os dias.
O que se diz de Angola lá fora?

Neste momento, estamos com problemas de ‘compliance’. Acho que isso responde tudo.

Como olha para a angolanização do sector petrolífero?

A angolanização do sector petrolífero é a substituição de mão-de-obra expatriada por mão-de-obra nacional.

Mas a angolanização não pode ser só uma imposição legal, porque, se assim for, vamos falhar. A angolanização tem de ser uma imposição técnica de formação concreta. Não posso dizer que o António tem de substituir o Peter ou um estrangeiro, só porque o António é angolano. não! Tem de ter competência para substituir.

A capacitação técnica dos angola-

Quem tem de conhecer bem a legislação nacional e internacional sobre o ‘compliance’ é quem a pratica todo os dias.

“*Há só um diploma, a lei cambial petrolífera, que é a única que não me conforta, do ponto de vista de aplicadora do direito.*”

nos acontece?

Há um esforço do Governo desde 1975. Angola deve ser dos países que mais investiu em bolseiros e na capacitação. Mas, eu tenho-me batido pela liderança individual. Cada um deve fazer o seu currículo. Cada um tem de se preocupar todos os dias e todos os meses em acrescentar mais-valia nos seus conhecimentos para então substituir alguém com mais conhecimento. Temos de perceber que a academia é competitiva, por isso existem as entrevistas e os processos de selecção de recrutamento. Não somos todos iguais. Estamos todos em competitividade profissional para ver quem tem mais conhecimentos técnicos. Então, é preciso todos os dias fazermos o nosso currículo. Só assim é que vamos ter, de facto, uma angolanização efectiva do sector petrolífero.

O que acha do facto de as empresas angolanas estarem todas confinadas nos serviços?

Já temos algumas empresas angolanas que são parceiras na área de produção, mas a maior parte está na prestação de serviços por causa do ‘know-how’ e das dificuldades financeiras, porque o sector é exigente. Para entrarmos num grupo empreiteiro é preciso cumprir as obrigações como associado, tanto da concessionária, como do grupo empreiteiro, sendo que muitas das obrigações são financeiras.

No sector petrolífero, trabalhamos muito no trimestre. Há vezes em que têm de se fazer desembolsos de milhões de dólares por trimestre, daí a dificuldade. Em todo o caso, todo o angolano tem de lutar para que a nossa produção petrolífera não baixe.

E como vê o desempenho das petrolíferas estrangeiras?

Olho sempre numa perspectiva de trabalharmos juntos e juntos crescermos. Na perspectiva de que eu preciso de si para crescer. Agora, é preciso vermos a nível do ‘compliance’, se todos estamos a cumprir as obrigações que cada um tem nesta parceria. Nestes 19 anos de relação com o sector, até porque já trabalhei dentro de uma operadora, verifico que cada uma está a fazer o seu papel. No sector petrolífero, não respeitar um regulamento é quase crime, porque as empresas lidam com reputação. Estas empre-

sas, para fazerem estes investimentos de bilhões e bilhões, trabalham com bancos. Então precisam de ter credibilidade para os bancos constantemente poderem emprestar e manter os seus níveis de produtividade. Não é possível o sector petrolífero investir sem banca.

E sobre a Lei da Actividade Petrolífera, que a preocupa?

Sou suspeita porque estive directamente envolvida, em 2004, na execução do pacote principal. Estamos agora com 12 anos e uma criança com 12 anos está grande. Não nos deixa com pessimismo. Há elementos que teremos de melhorar. Há só um diploma, a lei cambial petrolífera, que é a única que não me conforta, do ponto de vista, de aplicadora do direito.

Porque?

Porque, quando a lei obriga a que o aplicador do direito ou o destinatário do diploma tenha de arranjar mecanismo para o seu cumprimento, é porque a lei não está bem. Portanto, esta lei cambial petrolífera é uma lei que obrigou muitas empresas petrolífera a arranjar mecanismos. A lei veio com o princípio de que todos os pagamentos dos serviços do sector petrolífero tinham de ser feitos cá em kwanza. Estamos a falar de um diploma, de 2012, que causou muita complicação no sector petrolífero. Por todos os problemas que tem causado, não é uma lei que conforta e penso que precisa de ser revista e analisada. Há um outro diploma que precisa urgentemente de ser aprovado, que é o do conteúdo local nacional. Sobre a promoção do conteúdo local, temos somente um despacho de 2003, que é 127/03. Precisamos de melhorá-lo e fazer mesmo uma lei.

Mas qual é o problema concreto do despacho?

Eu comparo a outros países, por exemplo, Trindade-Tobago, Nigéria e mesmo à África do Sul e ao Gana, que têm diplomas muito importantes, quanto a conteúdo local. Eles promovem, de facto, as empresas nacionais a entrarem no sector petrolífero. Agora, olhando para a legislação mais recente, não tenho como não mostrar a minha satisfação com a constituição da Agência. Sou daquelas profissionais que, há mais de dez anos, se

A angolanização não pode ser só uma imposição legal, porque, se assim for, vamos falhar. A angolanização tem de ser uma imposição técnica de formação concreta.



Mário Injétes © VE

PERFIL

Nascida em Luanda, Lourdes Kaposso é advogada desde 1997. Actualmente está a fazer um doutoramento em torno do tema “Investimento estrangeiro em África”. Tem estado igualmente a desenvolver estudos comparativos sobre legislação de investimento privado para alguns países africanos. Em 2007, criou o grupo LCF (Legal Council Firm), também designado Lei Com Força, em português. É membro da Associação Internacional de negociadores de petróleo e é fundadora do projecto “As 10 melhores empresas para trabalhar em Angola”.

vinha batendo para a necessidade de criação da Agência Nacional de Petróleo, porque haveria de criar transparência e ética no sector petrolífero.

Parece-lhe que não há transparência?

Não digo que não existe. Mas é preciso promover mais, tendo cada instituição a sua responsabilidade. Muita gente dá o exemplo, do Brasil, que tem uma Agência Nacional de Petróleo. Mas eu gosto da africanidade e a agência que me motiva é a do Gana.

O Gana tem uma reguladora de hidrocarbonetos e de recursos naturais muito bem estruturada, com procedimentos bem claros e com competências bem atribuídas. Tive a oportunidade de visitar e acho que nós, Angola, ao aprovarmos este ano este pacote que cria a agência, não defraudamos as expectativas dos aplicadores do direito petrolífero.

Há relatos recorrentes de discriminação de trabalhadores nacionais na indústria. O que sabe disso?

A questão é que nós os angolanos não nos estamos a valorizar. Esta é a minha resposta de todos os dias. Eu só o valorizo, quando você se valorizar.

Quando perceber que todos os dias tem de construir o seu CV. Nós, angolanos, ainda não compreendemos o valor profissional que temos, logo é muito difícil debater e pedir valorização de outro. A valorização não começa apenas por conhecer a Lei Geral do Trabalho para reclamar direitos. Começa em eu acreditar nas minhas capacidades e ser produtiva.

Refere-se à ausência da cultura

de trabalho?

Precisa-se de melhorar muito mais. Temos de motivar os outros para passar essa mensagem. As empresas também podem motivar os trabalhadores, dando formação permanente. Por isso, no nosso plano ‘As melhores Empresas para Trabalhar em Angola’, estamos a fazer com estas trabalhos de auditoria, que levem as pessoas a ter a mentalidade de que somos um capital. Somos o elemento mais importante da empresa. Estamos a incentivar as empresas a deixar de usar o termo recursos humanos para usar o termo capital humano.

O que lhe parece sobre a imagem da Sonangol lá fora?

A Sonangol é uma empresa respeitada. Ando muito pelos países de África. É forte e, como qualquer uma instituição, tem problemas, principalmente agora, em que o seu elemento de produção está em depreciação. Temos baixas do valor do barril de petróleo por dia. Diariamente ou barril soube ou desce. Eu tenho orgulho de falar da Sonangol, principalmente agora com a criação da Agência Nacional do Petróleo. Conheço a Sonangol, nos Estados Unidos da América, desde 2000. Hoje temos quadros de alta relevância no mundo formados pela Sonangol.

A Sonangol tem várias unidades de negócios fora do sector petrolífero. As empresas públicas petrolíferas de outros países também actuam desta forma?

Eu discordo. Acho que não é a estratégia correcta. Não conheço muitas empresas deste sector, que assumam, por exemplo, responsa-

CONTINUA NA PÁG. 6



Santos Samuessa © VE

Entrevista



Santos Samuessa © VE

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 5

bilidade imobiliária, como a Sonip. Fico satisfeita que, neste momento, se esteja a corrigir isso. Sinto que estas que não são unidades do 'core business' devem ser postas em segundo plano. Eu não concordo que a Sonangol esteja relacionada com alguma indústria que não seja do sector petrolífero.

É membro da Associação Internacional de Negociadores de Petróleo. Que experiências pode partilhar?
A vantagem para mim continua a ser a mesma. Ou seja, contactos dentro do sector petrolífero e formação. É uma associação que promove muito a formação dos seus associados. Em 1999, por exemplo, tive uma formação muito importante em negociação petrolífera, promovida pela associação.

Como decorre a negociação de petróleo?

A negociação de petróleo começa logo por motivar alguém a vir investir. Começa pela missão patriótica. Dizer 'o meu país é produtor de petróleo, temos a possibilidade de entrar no sector e os benefícios são estes'. Eu já fiz isso várias vezes.

Começa logo com essa capacidade de negociar.

Depois há a negociação do contrato, das vantagens, como os benefícios fiscais, além da relação com a concessionária. Eu só comecei a fazer comercialização em 2003, portanto não é automático.

Normalmente, quando as pessoas ouvem negociador, pensam que é logo o comércio. A negociação, muitas vezes, não é comercializar o preço, mas é negociar a entrega dos barris, o valor da entrega, fazer estudos. Ou seja, estamos a negociar hoje x barris, mas as entregas só vão ser feitas daqui a dois ou três anos.

O impacto do investimento estrangeiro em África é o tema da sua tese de doutoramento. Alguma razão específica?

Esse tema foi seleccionado pela trajectória. Não tinha como fugir da análise científica de como seria o continente africano sem o investimento estrangeiro. Estamos a fazer uma comparação legislativa de 25 países.

Vamos ver como é que cada país compreendeu que não é possível viver sem o investimento estrangeiro e como é que os atraem. Esta-

Não concordo que a Sonangol esteja relacionada com alguma indústria que não seja do sector petrolífero. Fico satisfeita que, neste momento, se esteja a corrigir isso.

mos a estudar esta ciência. Eu só trabalho comparando instituições.

Nesta pesquisa de legislação que mais lhe chamou a atenção?

Temos muitos países que motivam muito o investimento estrangeiro e Angola é um deles. O Ruanda é algo para estudar. Eles têm um sistema de atracção muito forte.

Como não têm os recursos naturais como muitos de nós temos e têm pouca fronteira, decidiram ajudar muito o investimento estrangeiro a apostar no capital humano

ruandês. É dos países que mais me impressionou.

Neste momento, o que me preocupa em Angola é o melhoramento do clima de negócios. O Banco Mundial faz todos os anos uma pesquisa comparativa de 'doing business' e é aí onde temos de nos focar. Independentemente de termos uma legislação atractiva, se o clima de fazer negócios não for atractivo, nem sequer vamos à segunda fase, que é a do investidor vir a Angola e negociar.

“NÃO ESTAMOS LIGADOS AO PANAMA PAPERS”

Como é que recebeu a notícia do 'Panama Papers'?

Com muita preocupação e tristeza.

Há escritórios angolanos de advogados ligados ao escândalo?

Garanto que nós não estamos ligados. Fizemos todos os dias advocacia de compliance e ética. Somos fundadores do Centro de Ética de Angola. Não vão, com certeza, encontrar o nosso nome relacionado com esta situação. Nós fizemos tudo contra a corrupção.

O seu grupo LCF tem vários pro-

jectos ligados à advocacia. São lucrativos?

Ainda não, porque fazemos muita responsabilidade social. Ainda temos muitos custos, mas, a partir de 2018, os projectos serão lucrativos. A Firma tem uma fundação, uma associação, um fórum, um simpósio, um campus, que é mais ligado ao empreendedorismo feminino, e o FAFEC, o tal fórum onde todos os meses de Outubro debatemos os desafios económicos e financeiros globais. Este ano é em Houston, Estados Unidos da América. Em 2007, começámos com cinco ou seis pessoas e hoje o grupo tem 110 funcionários.

Quantas empresas-clientes tem a LCF?

A Firma de Advogados, neste momento, contando as empresas que trabalham connosco tanto na área jurídica como na académica, tem mais de 300 clientes. Em 2013, abrimos o escritório em Houston, porque é a cidade petrolífera dos Estados Unidos da América. O nosso 'background' vem muito dos petróleos e estamos lá. É uma cidade muito exigente, mas temos feito lá muitas palestras e ajudado empresas a fazerem parcerias.

A marca LCF também são iniciais do seu nome?

Sim. Nós tencionávamos fazer uma firma de advogados e o primeiro nome que pensámos foi a firma de advogados. Depois, lembrei-me que a firma de advogados em inglês é 'legal counsel firm'. As iniciais destas palavras também dão para Lourdes Caposso Fernandes, então foi uma coincidência divina. Não foi logo intencional Lourdes Caposso Fernandes, mas foi intencional Legal Counsel Firm, que a primeira unidade de negócio Depois criámos a associação Lei Com Força. Em 2010, começámos a fazer ciclos de palestras sem fins lucrativos e mais tarde, passamos a ser convidados para dar palestras em outros países africanos, como África do Sul, Nigéria e Gana. Como somos uma firma que trabalha muito com o mundo empresarial, decidimos também entrar na matéria anti-corrupção, porque percebemos que, com ética, um empresário pode ir muito mais longe, daí termos criado o Centro de Compliance. À medida que fomos encontrando desafios na nossa caminhada, vimos também oportunidades para criar.

BAI DIRECTO

ASSIM É FÁCIL

O SEU BANCO NO TELEMÓVEL
OU NO COMPUTADOR



PAGAR

ÁGUA, LUZ, IMPOSTOS
VIAGEM, CASA NA CENTRALIDADE

CARREGAR

TELEMÓVEL, TELEVISÃO

TRANSFERIR

TRANSFERIR DENTRO DO SEU BANCO
OU PARA OUTROS BANCOS

Com o novo BAI Directo, o BAI está sempre de portas abertas para si. Entre a qualquer hora e faça as suas operações diárias com o banco, sem esperas, nem complicações.

No seu computador ou telemóvel, num clique está junto do BAI.



Economia/Política



Mário Mijangos © A3

COMUNICADO FINAL NÃO REFERIU SAÍDA DE JES

Sucessão nas mãos das estruturas do partido

POLÍTICA. Comité Central do MPLA não oficializou nomes de João Lourenço e Bornito de Sousa para encabeçarem lista às eleições de 2017. Responsáveis do MPLA consultados afirmam que estruturas de base deverão pronunciar-se.

Por António Nogueira

A segunda reunião ordinária do Comité Central do MPLA que decorreu sexta-feira, em Luanda, deixou algumas dúvidas em relação ao tema da sucessão presidencial. Apesar de vários órgãos de comunicação social, incluindo a pública Rádio Nacional de Angola, terem avançado a aprovação pelo

Comité Central de João Lourenço e Bornito de Sousa para liderarem a lista do partido que vai às eleições em 2017, várias fontes consultados pelo VALOR admitem que a decisão final ficará à espera das estruturas de base que serão convidadas a pronunciar-se sobre o tema. As fontes que reconfirmam a intenção de José Eduardo dos Santos de abandonar o poder, já manifestada publicamente e apresentada oficialmente às estruturas superiores do MPLA, falam da existência de oposição de sectores importantes do partido que entendem que ainda não é altura da retirada do Presidente. “Ele venceu as eleições dentro do partido com 99,6% dos

MEMORIZE

● **JOSÉ EDUARDO DOS SANTOS** manifestou, este ano, a intenção de abandonar a política activa em 2018, abrindo um cenário de especulações sobre os moldes em que ocorreria a sua eventual sucessão



99,6%

Número de votos conquistados por José Eduardo dos Santos nas eleições realizadas dentro do partido.

votos, isto é um significado claro de que o partido confia na sua liderança incontestável. Sair agora significa, em certa medida, trair essa confiança que lhe foi depositada”, afirma uma figura destacada do partido no poder, que solicitou o anonimato, insistindo que “as estruturas de base não-de-pronunciar-se para posterior decisão do Comité Central”.

Em Março deste ano, José Eduardo dos Santos manifestou a intenção de abandonar a política activa em 2018, abrindo um cenário de especulações sobre os moldes em que ocorreria a sua eventual sucessão. Na última quinta-feira, após a reunião do bureau político do partido, várias notícias mencionavam uma carta formal em que o presidente do partido governante propõe os nomes de João Lourenço, actual ministro da Defesa e vice-presidente do MPLA, para cabeça de lista às eleições de 2017, e Bornito de Sousa, actual ministro da Administração do Território, para segunda figura da lista, colocando-a na posição de vice-presidente da República, em caso

de vitória da formação sediada na Avenida Ho Chi Min, em Luanda.

O comunicado final da reunião, lido pelo secretário do bureau político do MPLA, Mário António, salientou que o encontro aprovou a “síntese da estratégia eleitoral do MPLA”, para preparar as tarefas até às eleições, bem como a estrutura de coordenação da campanha e o programa de governação do partido entre 2017 e 2022, na próxima legislatura. O Comité Central reafirmou o seu “incondicional apoio” ao líder do partido e Titular do Poder Executivo “pelo empenho na implementação da Estratégia para a Saída da Crise, com vista à recuperação e à manutenção da estabilidade económica e à criação de condições para o bem-estar do Povo Angolano”.

SITUAÇÃO ECONÓMICA

Falando na abertura da segunda reunião, José Eduardo dos Santos revelou-se satisfeito com as reformas em curso no sistema bancário nacional, ressaltando que ambos os processos estão “no bom caminho”.

“A implementação do programa de adequação do Banco Nacional de Angola e do sistema bancário nacional à legislação nacional e internacional e boas práticas universais está no bom caminho, assim como a reorganização e melhoria da gestão da Sonangol”, afirmou o chefe de Estado e líder do MPLA.

Durante ainda a sua intervenção na reunião do Comité Central do MPLA, JES abordou, de forma geral, a evolução da situação económica do país, tendo-se referido, com particular realce, à estratégia governamental para a saída da crise.

Esta estratégia, que assenta no aumento da produção nacional para incrementar e diversificar as exportações, essencialmente ainda à base de petróleo, e para cortar nas importações, “ganhou um novo fôlego”, segundo o presidente do MPLA.

Tendo em conta o desempenho do primeiro semestre, influenciado pela forte quebra na cotação internacional do barril de crude, acrescentou que os preços dos produtos da cesta básica “baixaram em mais de 50%”.

“E verificou-se a retoma da actividade das empresas que estavam a paralisar, o restabelecimento dos contratos de investimento público, em vários domínios, e o aumento do emprego”, apontou.

O CAMINHO-DE-FERRO de Moçâmedes começou, na semana passada, a transportar gás butano do Porto do Namibe para Menongue, com base numa política da Sonangol para reduzir os custos no transporte deste produto.



O PRESIDENTE da Comunidade de Empresas Exportadoras e Internacionalizadas de Angola, Agostinho Kapaia, admitiu um crescimento na exportação de produtos não-petrolíferos, devido ao incentivo à diversificação.

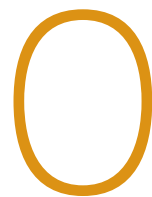


PROMESSA DE ESTABILIDADE DE PREÇOS

Inspectores vão sair às ruas para operação 'Natal seguro'

ESPECULAÇÃO. Comissão multisectorial para controlo de preços promete fiscalizar produtos nos supermercados e nos pontos de entrada e avisa que especuladores serão multados e perderão alvarás.

Por José Zangui



O Ministério do Comércio lança hoje, segunda-feira, 5, em todo país, a operação 'Natal seguro', que se prolonga até ao dia 30 de

Dezembro, com o foco no combate à especulação.

Heleno Antunes, coordenador da comissão multisectorial para o controlo dos preços, explica que o objectivo passa por assegurar que "as famílias gastem com o preço real", adiantando que há um trabalho permanente de acompanhamento dos preços, sobretudo os da cesta básica, pela comissão.

Além da fiscalização dos preços nos supermercados, as equipas de inspeção, como refere Antunes, vão acompanhar também a chegada de produtos nos portos, aeroportos e pontos fronteiriços, "para aferir que os produtos que chegam estão a ser comercializados a preço justo".

A comissão garante ter a lista dos importadores licenciados e que estarão sujeitos ao escrutínio dos fiscais. "Os importadores não são inimigos, o que se pretende é que haja sintonia nas políticas gizadas pelo Governo", explica Antunes, avisando que, após o trabalho de sensibilização, "não haverá contemplações para quem infringir as regras", pelo que haverá multas e suspensão de alvarás.

O coordenador da comissão de preços alerta que não há operadores intocáveis, exemplificando que, neste momento, há processos contra o Kero, o Jumbo e demais supermercados, por diversas infracções. Três linhas telefónicas estarão à disposição dos consumidores para denúncia, uma vez que "não há inspector para todos os pontos e cada consumidor é um inspector".

Em actividade há seis meses, a comissão integra órgãos afectos ao Ministério do Comércio, como o Instituto de Defesa do Consumidor (Inadec) e o Laboratório Geral de Qualidade, inclui órgãos do Ministério da Saúde, além do Serviço de Investigação Criminal (SIC).

A comissão trabalha há cerca de seis meses, com a actividade centrada na realização de visitas inspectivas a importadores, grossistas e retalhistas.

Heleno Antunes assegura que as acções resultaram na redução em 50% dos preços, em relação aos praticados no primeiro semestre, mas admite que "há ainda muito trabalho que deve ser feito para baixar cada vez mais".

30

De Dezembro dia em que termina a operação 'Natal Seguro'.



Heleno Antunes, coordenador da operação 'natal seguro'

Manuel Tomás © VE

SERVIÇOS

Turismo sem articulação

O director do Instituto de Fomento do Turismo (Infotur), Eugénio Clemente, disse, em Luanda, ser necessário encontrar um alinhamento dos vários sectores que intervêm na actividade turística, a fim de se proporcionar um melhor serviço e desenvolver o ramo.

"A nossa realidade ainda não oferece um alinhamento, por exemplo, entre os serviços de táxis, actividades culturais, preços dos serviços de telecomunicações, hotéis e restaurantes e outros", asseverou.

O responsável realçou, por outro lado, a necessidade de se equacionarem os serviços, que, durante algum tempo, foram montando as suas operações de forma isolada à disposição do mercado, para que estejam assentes, hoje, numa perspectiva nacional.

"Temos estado a chamar a atenção para os desafios de hoje, visto que começa a existir o sentimento nacional de que o turismo tem expressão como indústria e que é importante que se faça o alinhamento da cadeia desta indústria", concluiu.

Entreposto baixa preços

O Entrepósito Aduaneiro de Angola reduziu os preços, dando oportunidade aos grossistas uma margem de comercialização ao consumidor final "a preços acessíveis". O director comercial da empresa, José Costa, justifica a medida com a eliminação da tendência de subida de preços, durante a quadra festiva e os primeiros meses do próximo ano. O saco de açúcar de 50 quilos, por exemplo, passou de 8.500 para 7.800 kwanzas,

ao passo que o de farinha de trigo, igualmente de 50 quilos, desceu de 7.000 para 6.500.

O ministro do Comércio considera, por sua vez, que o mercado está tranquilo. Fiel Constantino, à saída da reunião das comissões económica e para a economia real do Conselho de Ministro, que analisou a reestruturação do Ministério do Comércio, afirmou que os níveis de stock estão muito superiores ao que havia há seis meses.

Economia/Política



ANGOLA NA CAUDA DA SADC

Menos de 30% de adultos com conta bancária

Por Isabel Dinis

A percentagem de adultos com uma conta numa instituição bancária, em Angola, situa-se abaixo dos 30%, estimou o especialista sénior do Banco Mundial Mazen Bouri, durante um fórum sobre o sector financeiro, em Luanda, em que apontou “discrepâncias em termos de género” e espaço geográfico, no acesso aos serviços financeiros.

Do total da população no meio rural, por exemplo, apenas 22,3% das mulheres tinha conta bancária em 2014, mas, quando a referência é a população adulta, o indicador baixa para os 18,8%, colocando Angola com “diferenças mais agudas”, face aos demais

países da SADC e da África subsariana, em geral.

Baseando-se em dados da pesquisa Global Findex, desenvolvida pelo Banco Mundial e pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), o especialista notou que, em 2015, Luanda, com cerca de sete milhões de habitantes, detinha aproximadamente 90% de todo o crédito e 95% de todos os depósitos do país, o que denuncia “um fosso na inclusão financeira entre a capital e o resto do país”.

O uso de pagamentos móveis é outro indicador que considera “baixo”, já que Angola se encontra numa posição inferior “em relação aos países da região e países equiparados”. Em 2014, menos de 5% dos adultos realizaram uma transação a partir de uma conta numa instituição financeira, usando o telemóvel.

Sobre progressos no sector financeiro, Mazen Bouri verifica, nos últimos cinco anos, o crescimento do número de balcões em cerca de dois terços, a duplicação das Caixas de

Pagamento Automático (ATMs, na sigla em inglês), além do número de postos de venda que quase triplicou.

O workshop ‘Linhas Gerais da Estratégia de Desenvolvimento do Sector Financeiro em Angola’ decorreu, na semana passada, promovido pelo Ministério das Finanças, em parceria com o Banco Mundial. A iniciativa visou dar a conhecer aos agentes financeiros e não só as ‘Estratégias de Desenvolvimento do Sector Financeiro Nacional’, que se pretende “inclusivo, resiliente e diversificado”.

As estratégias do sector financeiro estão previstas para serem aprovadas pelo Governo em Fevereiro do próximo ano e disseminadas e publicadas em Março. O período de implementação é de cinco anos, sendo supervisionada pelo Conselho de Estabilidade Financeira, composto por várias instituições. Segundo o Ministério das Finanças, as estratégias vão assentar em quatro pilares principais, nomeadamente a estabilidade financeira, a inclusão financeira, os seguros e fundos de pensões e mercado de capitais.

PROJECTO ARRANCA EM 2017

Pesca artesanal ‘supervisionada’ por sistema electrónico

Um sistema electrónico de monitorização das embarcações artesanais, que visa a protecção de mais de seis mil pescadores, entra em funcionamento a partir de Janeiro de 2017, anunciou o director do gabinete técnico de informação do Ministério das Pescas, João Silva. O responsável declarou que esta medida vai garantir a segurança aos pescadores artesanais para que, em caso de perigo, sejam facilmente localizados e socorridos de imediato.

Numa primeira fase, o projecto começa a ser implementado nas comunidades piscatórias do Yembe, em Ambriz, Bengo e no Egito Praia no Lobito, em Benguela.

“A preocupação primária do Ministério das Pescas é a segurança dos pescadores,

principalmente dos que actuam na área da pesca artesanal”, referiu.

O técnico salientou que o sistema de protecção e monitorização vai permitir que o pescador tenha dois dispositivos, sendo um móvel, preso ao colete de cada membro da tripulação e outro na embarcação.

Em caso de perigo, o pescador artesanal precisará simplesmente de accionar um botão no dispositivo móvel para emitir sinais à central, durante 24 horas, permitindo que as equipas de salvação se desloquem rapidamente.

As vantagens do uso deste dispositivo, associado à embarcação, permite localizar a embarcação onde quer que esteja, através do centro de controlo e evita a pesca em áreas proibidas, além das milhas regulamentadas de acordo as leis de recursos biológicos e aquáticos.



FUTEBOL COM PAIXÃO É NA ZAP!



ACOMPANHE AS GRANDES LIGAS EUROPEIAS



CANAIS DE TRANSMISSÃO DAS LIGAS



Canais 20 ao 23

Canal 24

Canais 25 SD e 26 HD

Canal 29

Canal 30

O MELHOR QUE HÁ É NA ZAP QUE DÁ.



LIGUE
935 555 500

apoio.cliente@zap.co.ao

Todos os dias, incluindo feriados,
das 7:00 às 24:00

Visite-nos em www.zap.co.ao e siga-nos



Construindo a Economia Criativa de Angola



Jean-Claude
B. de Morais

Empresário

Recentemente, a *semana Mundial de Empreendedorismo (SME)* levou a cabo uma série de actividades em Angola. Estas iniciativas como a SME são vitais para o ecossistema de empreendedorismo angolano, que continua fraco. Ao invés de se debruçar sobre os desafios económicos actuais, o evento da SME deu aos empresários angolanos e a comunidade empresarial, no geral, uma plataforma para destacar as oportunidades para o fomento do empreendedorismo em Angola.

Em 2014, o relatório Global Entrepreneurship Monitor constatou que Angola se posiciona entre os países mais empreendedores no mundo, com cerca de um terço da população envolvida em negócios criados recentemente. O estudo também constatou que os empreendedores angolanos tendem a ser impulsionados por oportunidades e não por necessidades... Algo que eu acho ímpar, tendo em conta que Angola tem uma das maiores economias informais na África Sub-sahariana e um grande número de cidadãos já se encontram engajados em algumas formas de negócios baseados em necessidades.

POR DETRÁS DO VÉU DA ECONOMIA INFORMAL ANGOLANA

Como em 2015, o Ministro das Finanças em Angola estimou que o mercado informal, actualmente, é constituído, em 60%, por mulheres, engajadas em várias formas de actividades de retalho. Muitas delas são as chefes de família. Contudo,

as políticas punitivas tornam difícil a tarefa delas fazerem os seus negócios nas ruas. Estes empreendedores informais não têm grandes chances de pedir empréstimos aos bancos para escalar e comercializar o seu negócio. Estas são obrigadas a pagar taxas extremamente altas aos agiotas, no mercado paralelo, para empréstimos de curto prazo, que acabam deixando-as num modo de devedores crónicos.

Importa reter que o Governo tentou apoiar o empreendedorismo através de vários programas. Iniciativas como Angola Investe, que concede garantia governamental e juros subsidiados a empréstimos garantidos pelos bancos comerciais e Meu Negócio Minha Vida, que apoia o micro empreendedorismo, estima-se que tenha criado cerca de 65,000 empregos. Mas até que ponto estas iniciativas são efectivas?

Em economias de desenvolvimento, as PME constituem a maioria das empresas e empregam a maioria da força laboral nacional. Israel, que experienciou grandes turbulências políticas, é agora reconhecido como uma economia desenvolvida e ficou posicionado na 23.ª posição pelo Fundo Monetário Internacional. Com uma população de oito milhões de pessoas, Israel tem cerca de 6.000 'startups' e atrai mais capital de risco por pessoa que qualquer país no mundo.

TRANSFORMANDO OS EMPREENDEDORES BASEADOS EM NECESSIDADES PARA EMPREENDEDORES IMPULSIONADOS POR OPORTUNIDADES

O que Angola pode aprender a par-

tir disto? Apesar dos desafios existentes, a criatividade e inovação são as chaves na medida em criar novas formas de pensamento acerca dos produtos, necessidades do mercado e capitais rentáveis. Temos de usar abordagens criativas para superar os desafios da educação e permitir maior participação do sector informal de modo a alavancar a diversificação económica e acelerar a criação de emprego.

Em Dezembro de 2015, um estudo da EY, "Tempos Culturais – O primeiro mapa mundial das indústrias culturais e criativas (CCI)", estimou que os bens culturais em África são, na sua maioria, fornecidos pela economia informal, empregando cerca de 547,500 pessoas e gerando 4.2 biliões USD em lucro. Imagine o que isso poderá significar para Angola, onde a maioria da sua população está engajada no mercado informal?

Em Angola, têm-se feito novos avanços para o arranque das 'startups' com a emergência de dois centros de inovação - Kianda-Hub, uma incubadora para 'startups' do sector da tecnologia e a Fábrica de Sabão, que iniciei com o apoio do sector público, por meio da concessão de terra. Ambos são ecossistemas ainda inexperientes e procuram um grande apoio do sector público e privado angolano para que possam realmente servir os seus objectivos.

A Fábrica de Sabão, localizada no Cazenga e construída sob as ruínas da antiga fábrica de Sabão Congeral, visa estimular 'startups' jovens africanas e apoiar um segmento urbano de produção. É especialmente desenhado para ser inclusive ao sector informal, um lugar para a exploração

criativa. Eventualmente irá servir como uma incubadora e um centro de aceleração, mas, por agora, oferece facilidades de co-work para estudantes e jovens empreendedores no Cazenga.

Também tem o 'makerspace', que já provou ser o principal factor de atracção. As mulheres locais e os jovens estão envolvidos em vários projectos de produção urbana de produtos determinados como mobiliário de madeira feito a partir de paletes e criadas com equipamento moderno como as máquinas CNC, peças de xadrez, quadros e cadeiras de metal feitas a partir de latas de alumínio, azulejos para o chão e cabos de internet produzidos a partir de garrafas plásticas, camisetas impressas, tapetes feitos de sacos plásticos, lâmpadas feitas de metal ou ventoinhas antigas com sacos plásticos reciclados ou cabos, vestuário, carteiras, fronhas para almofadas produzidas com recurso a material reciclado, acessórios de moda, arte e artesanato, etc.

Dando a eles as ferramentas e capacitação de que necessitam para se tornarem os seus próprios designers, produtores, fabricantes, compradores e vendedores baseados em serviços e produtos segmentados para um nicho, estas comunidades terão uma chance real para se tornarem parte do sector formal das PME. Os empreendedores angolanos devem ser corajosos e explorar o sector criativo e acreditar nas suas ideias para criar produtos e soluções feitas em Angola para os angolanos. O sector público e privado precisam de dar maior importância ao investimento nas indústrias criativas através do valor da cadeia de educação, criação, produção, distribuição e consumo.

Em Dezembro de 2015, um estudo da EY, "Tempos Culturais – O primeiro mapa mundial das indústrias culturais e criativas (CCI)", estimou que os bens culturais em África são, na sua maioria, fornecidos pela economia informal, empregando cerca de 547,500 pessoas e gerando 4.2 biliões USD em lucro.



CONCERA

- ✓ Betão Pronto
- ✓ Pré-fabricados de Betão
- ✓ Pré-esforçados Ligeiros
- ✓ Betuminoso
- ✓ Aluguer de Equipamentos











✓ BETÃO PRONTO

- Classes de betão correntes
- Classes de betão especificadas

Para satisfazer as necessidades dos clientes, a Concera, S.A. produz, fornece e disponibiliza o serviço de bombagem do betão pronto, de acordo com as normas em vigor, tipos e classes especificadas.



✓ PRÉ-FABRICADOS DE BETÃO

• Blocos 	• Abobadilhas 	• Lancil 	• Pavê 	• Lajetas 
• Manilhas 	• Grelha de enlramento 	• Tubos 	• Cones 	• Caixas de visita 

✓ PRÉ-ESFORÇADOS LIGEIVOS

• Vigotas 	• Painel e Laje Alveolar 	• Laje TT 	• Ripas 
--------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------

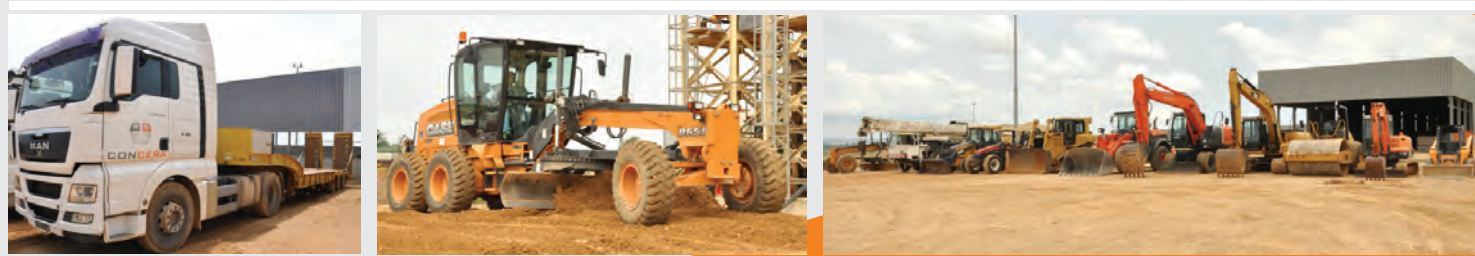
✓ BETUMINOSO

- Massas Asfálticas
- Aplicação de Massas Asfálticas



✓ ALUGUER DE EQUIPAMENTOS

- Máquinas para Movimentação de Terras
- Equipamentos de Movimentação de Cargas
- Transportes de Cargas e Equipamentos



Estrada das Terras Verdes
 km 1 Caope Velha Funda - Cacuaco – Luanda
 Escritório: (+244) 928 981 644
 comercial@concerangola.co.ao | www.concerangola.co.ao

Mercado & Finanças

DENTRO DA ESTRATÉGIA DE MÉDIO PRAZO

Standard Bank quer chegar a 5.^o maior banco angolano em receitas

BANCA. CEO da entidade avança ao VALOR que estratégia dos accionistas passa por tornar instituição na “mais rentável” do sistema financeiro nacional, elevando-a para quinta posição no ranking dos maiores em lucros líquidos. Indicadores de desempenho já antecipam um “bom ano” 2015, estima gestor.

Por Nelson Rodrigues

A administração do Standard Bank Angola (SBA) anunciou que, no médio prazo, pretende alcançar a posição de “quinto maior banco comercial angolano” em termos de receitas líquidas, depois de acumular três anos de prejuízos desde que iniciou operações, há cinco anos.

O desafio foi avançado em exclusivo ao VALOR pelo presidente da comissão executiva da instituição, António Coutinho, quando questionado sobre os indicadores de desempenho do banco, referente ao exercício financeiro de 2015 e os dados preliminares deste ano.

Para a administração do banco, as receitas positivas traduzem “melhor o desempenho de um banco do que a grandeza por activos”, por entender que, das receitas, saem dividendos para os accionistas e programam-se projectos, segundo o CEO António

Coutinho, que já antevê “bons indicadores” até 31 de Dezembro.

“A [nossa] estratégia é que, a médio prazo, possamos estar entre os cinco maiores, em termos de receitas. Temos grandes bancos aqui na praça. Para mim e para os accionistas, a estratégia é ser um banco extremamente rentável, mesmo não sendo o maior em activo”, considerou o gestor.

Actualmente, o banco ocupa a nona posição na classificação por lucros líquidos, quatro ‘casas’ acima da posição que se projecta alcançar, controlada, no momento, pelo Banco Caixa Geral Angola, com lucros da ordem dos 9.581 milhões de kwanzas, num ranking liderado pelo Banco de Fomento Angola (BFA), com ganhos de 37.866 milhões de kwanzas.

De acordo com António Coutinho, a apresentação dos resultados, os indicadores de liquidez e receitas demonstram “estabilidade operacional” e afasta “qualquer possibilidade de falência técnica”.

O gestor defendia tal posição ao comentar a ‘denúncia’ do governador do Banco Nacional de Angola (BNA), sobre a possibilidade de existência de falência técnica de cinco bancos comerciais.

“A nossa gestão à volta da liqui-



Banco recupera de prejuízos, dos três primeiros anos desde que iniciou operações no país.

9.^a

É a posição do banco no ranking de lucros da banca nacional.

5,2

Mil milhões de kwanzas, corresponde aos lucros do SBA em 2015.

dez e de receitas e custos tem estado a dar frutos. E acho que vamos apresentar um bom desempenho, no fim do ano. Este ano foi um momento difícil, mas é nos momentos difíceis que devem ser tomadas decisões importantes para os negócios do futuro”, salientou Coutinho.

Até 31 de Dezembro de 2015, as operações do Standard Bank Angola (SBA) registaram lucros de 5.238 milhões de kwanzas, um aumento de 133,6% face aos 2.242 milhões de kwanzas inscritos nas contas de 2014, de acordo com números do balanço da entidade.

A ajudar estão os ganhos com o aumento das operações de créditos e depósitos, que cresceram 20% e 47%, respectivamente, além das operações cambiais e diversas comissões de serviços bancários prestados.

DOIS ANOS DE LUCROS

Esta é a segunda vez, desde 2014, que o banco liderado por António Coutinho regista lucros desde que

iniciou operações em Angola, há cinco anos. Em 2013, a contabilidade do banco apontava para um prejuízo na ordem dos mil milhões de kwanzas, precisamente 1.039,3 milhões de kwanzas.

Os activos da instituição bancária também deram um avanço de 46,7%, ao saírem de 203.368,4 milhões no balanço de 2014, para 298.412 milhões no ano passado, indicadores que, segundo a administração do banco com origem sul-africana, traduz a “qualidade do serviço assegurada pela equipa de gestão local, pelo conhecimento técnico demonstrado e pela qualidade global do serviço prestado assim como das soluções disponibilizadas ao mercado”.

De acordo com o banco, o desafio de “crescer” vai continuar e já há programas para o exercício financeiro de 2016, dos quais se destacam o “aperfeiçoamento nas infra-estruturas para melhor incrementar a operação em curso, e atingir o volume de negócios esperado pelos accionistas”.



O BNA afastou, semana passada, qualquer nova desvalorização do kwanza, a moeda nacional, face à “tendência de estabilidade” dos preços, contrariando uma recente sugestão do FMI.

2015

O NÚMERO DE CHEQUES devolvidos por falta de provisão em bancos angolanos diminuiu para 17 por dia entre Janeiro e Outubro, mas o montante envolvido já ultrapassa o de todo o ano de 2015.

PARA QUESTÕES POLÍTICAS E REGULAMENTARES

BNA e Ministério das Finanças nas decisões do Fundo Soberano

COLABORAÇÃO. Valter Filipe e Archer Mangureira integram conselho consultivo do Fundo Soberano de Angola. Objectivo é dar apoio a Filomeno dos Santos nas decisões de natureza política e regulamentares do organismo. Pela primeira vez, contas da entidade auditadas segundo normas internacionais de relato financeiro. Lucros apenas em 2017.



José Filomeno dos Santos, presidente do Fundo Soberano

total de passivo e património líquido da ordem dos 4,7 mil milhões de dólares, menos 120 milhões do que no ano anterior. Montantes calculados, pela primeira vez, de acordo com o novo instrumento de contabilidade internacional adoptado por Angola, as Normas Internacionais de Relato Financeiro (IFRS, na sigla em inglês).

O gestor do organismo considera que a adopção do novo instrumento de relato financeiro internacional “apresenta as operações e os investimentos do FSDEA com mais detalhe do que antes e reflecte os progressos alcançados em termos de governação interna, durante os três primeiros anos de actividade da instituição”.

“O Fundo Soberano de Angola é a primeira instituição financeira do país a apresentar demonstrações financeiras, auditadas por uma firma independente, que se conformam com as Normas Internacionais de Relato Financeiro”, realçou Filomeno dos Santos, citado na nota da entidade. Segundo a nota, o relatório foi auditado pela Deloitte Touche, mas não traz o parecer sobre as contas do FSDEA referente ao período, nem a opinião do conselho fiscal, apesar de admitir que os rendimentos apenas começam a entrar a partir de 2017.

APLICAÇÕES DE FUNDOS

No capítulo de investimentos, a entidade liderada por José Filomeno dos Santos explica que, até finais de 2015, os activos de renda fixa correspondiam a 1,20 mil milhões de dólares, representando 25% da carteira, assim como os activos de renda variável que, no mesmo período, estavam avaliados em 620 milhões de dólares, representando 14% da carteira.

Dos 2,7 mil milhões de dólares destinados a activos de ‘private equity’, em Angola e na região de África Subsaariana, 407 milhões dólares, já haviam sido investidos, além de que 62% da carteira estejam dedicados a investimentos, igualmente em Angola e na África Subsaariana, e 21% na América do Norte, 11% na Europa e 6% “no resto do mundo”.

“Continuamos a fazer investimentos importantes em Angola e noutros países da África Subsaariana através de fundos de private equity. Constatámos que muitos investidores observam o nosso continente com bastante interesse, devido aos elevados índices demográficos e urbanização que regista”, considera o FSDEA, que afirma não ter havido dotações adicionais de capital ao Fundo pelo Executivo.

MAIS APLICAÇÕES PELO MUNDO

Além de Angola, e à semelhança do que revela o anterior de 31 de Março deste ano e o resumo de 2015, outros investimentos foram direccionados para o Quênia, ao abrigo do fundo de infra-estrutura, que já consumiu 19% dos 1,1 mil milhões do capital reservado a esta rubrica.

Na Zâmbia, outro pólo de investimentos do FSDEA, o organismo aplicou 23% dos 500 milhões do capital, em fundo hoteleiro, além do fundo mineiro, que já gastou 2% dos 250 milhões de dólares, “num projecto na Mauritània”.

Também foram aplicados 10% dos 225 milhões ao fundo de silvicultura, investidos “numa concessão de larga escala de eucaliptos em Angola”, e 12% dos 200 milhões do fundo de capital estruturado, localizado na África do Sul.

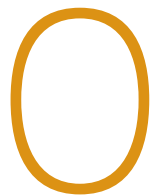
Por Nelson Rodrigues

MEMORIZE

- O FSDEA é a primeira instituição financeira do país a apresentar demonstrações financeiras, auditadas por uma firma independente, que se conformam com as Normas Internacionais de Relato Financeiro.

“Ambos tornaram-se membros do conselho consultivo do FSDEA, que é um órgão fundamental da instituição, constituído pelos chefes das instituições responsáveis pela gestão macroeconómica do país”, explica o documento, produzido em Londres, com a data de 30 de Novembro.

No documento, que menciona o BNA e o Ministério das Finanças lado a lado com o conselho de administração do FSDEA, vêm anexas as contas relativas ao exercício financeiro 2015 e 2014, que evidenciam activos de 2.025 milhões e 2.337 milhões de dólares, respectivamente. Até 31 de Dezembro, as contas do Fundo Soberano evidenciavam um



Os conselhos consultivo e de administração do Fundo Soberano de Angola (FSDEA) vão passar a contar com

o apoio do Banco Nacional de Angola (BNA) e do Ministério das Finanças, nas decisões de ‘fundo’ e de natureza política e regulamentares, anunciou o organismo em comunicado enviado ao VALOR.

De acordo com o documento, o governador do banco central, Val-

ter Filipe, e o ministro das Finanças, Augusto Archer Mangureira, vão sentar à mesma mesa com José Filomeno dos Santos, nas reuniões do conselho consultivo e de administração do Fundo Soberano, para as decisões-chave.

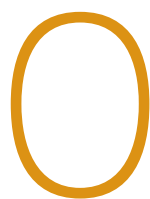
Mercado & Finanças

POR DECISÃO DA OPEP

Angola deve cortar 87 mil barris para colocar petróleo nos 60 dólares

CRUDE. Exportadores de petróleos concluíram, na reunião da semana passada, que corte de 1,2 milhões de barris diários na produção petrolífera global pode ajudar a posicionar preço do barril entre 55 e 60 dólares. Luanda deve contribuir com redução de 87 mil barris/dia. Meta global deve chegar aos 3,2 milhões.

Por Nelson Rodrigues



Os países produtores e exportadores de petróleo vão baixar até 3,2 milhões de barris/dia (mbpd)

de petróleo da sua quota global, com Angola a contribuir com uma redução de 87 mil do total de 1,782 milhões, com vista a elevar o preço do barril entre os 55 e os 60 dólares.

Esta posição foi defendida e concordada, na semana passada, pelos expoentes máximos da produção petrolífera mundial – a

Arábia Saudita (10,491 milhões), Iraque (4,455 milhões), o Irão (3,665 milhões) e demais membros da OPEP – durante uma reunião em Viena, que, pela primeira vez em oito anos, decide baixar a produção a favor do escoamento dos stocks existentes e pela ‘reanimação’ das economias fortemente dependentes do petróleo.

Assim, e com a entrada em vigor do acordo, Angola deverá recuar a sua produção até 1.679 milhões, ou seja, menos 87 mil mbpd aos actuais 1.766 milhões, de acordo com a decisão da OPEP, que estima, para os 14 países-membros, um tecto de produção da ordem dos 32,5 milhões de barris por dia, uma redução de 3,6%.

A decisão ajuda a pôr fim a meses de negociações entre países com capacidade para suportar as quebras de preço que se verificam desde meados de 2014 e aqueles cujas economias estão a ser fortemente

penalizadas pela quebra, com destaque para Angola e a Venezuela.

O acordo mereceu, de imediato, reacções de vários pontos do mundo, com destaque para os líderes dos países da organização, nomeadamente a Arábia Saudita, que, com a medida, antevê um “reequilíbrio” no mercado do ouro negro.

“Este é um bom dia para o mercado de petróleo, para a indústria do petróleo. Após o acordo, os mercados estão a reequilibrar-se”, afirmou o ministro de Energia da Arábia Saudita, Khalid Al-Falih, em declarações aos jornalistas no intervalo do encontro.

Do lado dos mercados, e mesmo antes da conclusão do encontro da OPEP, foram vários os reflexos: de 28 de Novembro a 2 de Dezembro, o preço do Brent – referência para as vendas de Angola – avançou 10,1%, ao sair de 48,24 dólares



para 53,13, até à tarde da última sexta-feira.

Além de Angola, contribuem ainda para a estabilização de preços do petróleo a Arábia Saudita, a liderar os cortes com 486 mil bpd, o Iraque, com 210 mil bpd, assim como os Emirados Árabes, que baixar perto dos 140 mil bpd, enquanto o Kuwait reduzirá em 131 mil.

Do grupo de cortes, devem ainda integrar o Catar (30 mil bpd), Venezuela (95 mil bpd), Argélia (50 mil bpd), Equador (26 mil bpd) e Gabão (9 mil bpd). A

excepção vai apenas para a Líbia e a Nigéria, que, também por decisão do cartel, ficaram isentos de contribuir para o acordo.

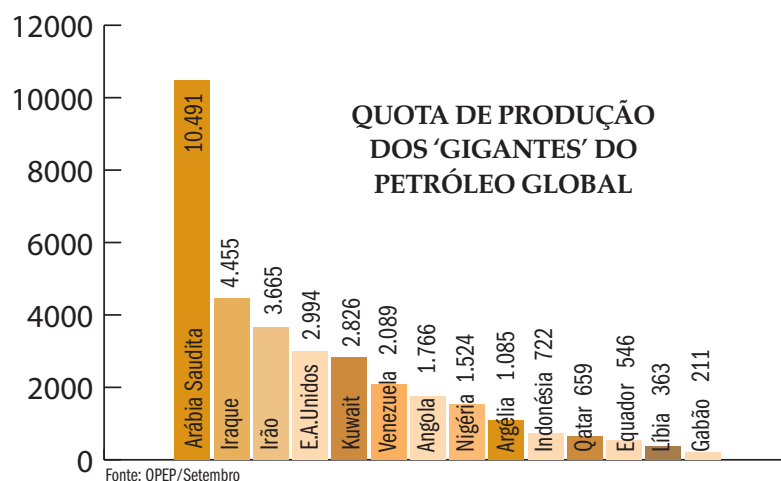
Outros ‘canais’ serão usados para determinar a produção de cada um. Porém, o Kuwait, Venezuela e Argélia ficaram encarregados de monitorar a aderência dos membros do cartel ao acordo.

NÃO-OPEP VÃO AJUDAR

Apesar de ser da iniciativa da OPEP, vários outros ‘players’ do sector petrolífero mundial deverão estender ‘mão’ ao repto da organização. É o caso da Rússia que, segundo um alto representante do Governo da Nigéria, está disposta a baixar a sua produção com cortes “significativos”.

“Nossos amigos da Rússia e outros países não membros da OPEP concordaram em contribuir com cortes significativos a partir de Janeiro do ano que vem”, completou o responsável nigeriano, citado pelo site de negócios ‘Dow Jones Newswires’.

*Agências e Dow Jones Newswires



É GEOCIENTISTA? GEO-ENGENHEIRO? ESTÁ EM FORMAÇÃO?

REGISTE-SE EM

<http://quadros.mgm.gov.ao>

**E FAÇA PARTE DA BOLSA
DE QUADROS DO PAÍS**

O Plano Nacional de Geologia (PLANAGEO) é o maior investimento global jamais feito no nosso país no domínio das geociências, visando a actualização do conhecimento geológico nacional.

QUEM SE DEVE CADASTRAR?

Quadros técnico-profissionais e superiores e estudantes de:

Geologia, Hidrogeologia, Hidrologia, Geofísica, Engenharia Geográfica, Geodesia e Cartografia, Topografia, Geoquímica.

Engenharia de Minas, Laboratório, Matemática, Física, Química, Mineralogia e Petrografia, Sondagem, Geotécnica, Geocronologia e Paleontologia, Ciências Ambientais, Soldadura para a Mineração.

Computação, Gestão Mineira, Gestão Ambiental, Geologia Económica, Economia Mineira, Direito Mineiro.

PREENCHA O FORMULÁRIO DISPONÍVEL NO SITE

<http://quadros.mgm.gov.ao>

**1129 QUADROS
NACIONAIS JÁ SE
CADASTRARAM**

**A COMPETÊNCIA AO SERVIÇO DO PLANAGEO
E DA DIVERSIFICAÇÃO DA ECONOMIA**



Contacto: quadros@mgm.gov.ao | +244 916 532 964

Política de privacidade O Ministério da Geologia e Minas garante que os dados que se registam durante o cadastramento serão utilizados apenas para questões estatísticas do conhecimento dos quadros.

Empresas & Negócios

NOVA ADMINISTRAÇÃO APRESENTA RESULTADOS

Receita da Sonangol queda 5,47%

DRESULTADOS. Nova administração questiona política de investimento da companhia nos últimos 15 anos, centrada na diversificação fora do 'core business' e na internacionalização da empresa, justificando que não gerou valor esperado para único accionista Estado.

Por Valdimiro Dias

A receita bruta da Sonangol deve cair 5,47%, este ano, saindo dos 16.212 milhões de dólares para os 15.325 milhões de dólares, com a tendência de queda a manter-se desde a instalação da crise. Em 2014, a facturação da petrolífera recuou 38,4% para os 24.657, depois de ter registado 40.070 milhões de dólares no ano transacto.

A Sonangol divulgou os resultados, na última quinta-feira, indicando a realização de um diagnóstico que cobriu "a situação financeira e fiscal, a organização, os processos, os sistemas de informação e as pessoas" e que revela uma "situação bastante mais grave do que o cenário inicialmente delineado".

Apesar da queda da receita bruta, os custos operacionais não "diminuíram tanto" em termos nominais. Dos 14.443 milhões de dólares do ano passado, as despesas correntes devem recuar cerca 17,2% para os 11.957 milhões de dólares em 2016.

Tal como a facturação, na sequência de perdas seguem os lucros da companhia que, desde há quatro anos, registam pesados recuos. Entre 2013 e 2015, os lucros derraparam 87,4%, dos 3.089 milhões de dólares para os 389 milhões de dólares. Para 2016, estima-se uma situação mais agravada, já que, segundo a companhia, "não haverá dividendos para o accionista Estado".

Em relação aos investimentos, no ano passado, a empresa aplicou 4.683 milhões de dólares em projectos diversos, "incluindo fora do sector do petróleo e gás", estratégia diferente adoptada pela nova administração este ano em que os focos estão virados para projectos de exploração e desen-

O antídoto

Identificado o conjunto de insuficiências, a nova administração declara ter lançado um "profundo" programa de reestruturação interna, alicerçado na "transparência, rigor, excelência e rentabilidade" e acredita que vai "libertar" todo o potencial da empresa.

Entre as medidas já em curso, constam o 'programa Sonalight', que prevê a redução de custos, por via da "renegociação e ou cancelamento de contratos, racionalização de gastos, dimensionamento correcto das operações e revisão da política de compensações". O programa já permitiu prever poupanças superiores a 240 milhões de dólares anuais. A Sonangol diz-se "profundamente" comprometida com o processo de transformação, pelo que está focada no redesenho das estruturas organizacionais, com um alinhamento de políticas de subsídios com práticas na indústria. Inclui a dinamização de um programa pré-reformas, além da resolução da situação dos colaboradores não activos e o redesenho de um novo modelo de gestão de bolsas.

volvimento petrolíferos que devem absorver 3.303 milhões de dólares.

A Sonangol declara que tem honrado o pagamento das prestações mensais referentes às dívidas com a banca, mas reconhece que o incumprimento por parte da empresa de convénios financeiros, em 2015, com os bancos "resultou num conjunto de constrangimen-



Isabel dos Santos,
PCA da Sonangol

ceiros por financiar ainda este ano.

A nova administração questionou a política de investimento da petrolífera implementada nos últimos 15 anos, afirmando que a estratégia centrada na diversificação fora do 'core business' e na internacionalização da empresa não gerou o valor esperado para o accionista Estado. A certa altura de investimentos da última década e meia criou "projectos problemáticos, com a Refinaria do Lobito e o Terminal Oceânico da Barra do Dande", além de outras aplicações avultadas sem retorno, fora do negócio principal.

A refinação de combustíveis não escapou aos reparos da gestão da maior empresa pública, apontando uma produção limitada e que não ultrapassa os 20% do consumo total. As necessidades de importação reclamam, em média, cerca de 170 milhões de dólares por mês, o que torna o acesso às divisas para o pagamento a fornecedores externos "muito desafiante" para a Sonangol. "Esta situação é agravada por existirem dívidas cumuladas referentes à totalidade de 2015 e ao primeiro trimestre de 2016", aponta a companhia em comunicado que replica a intervenção de Isabel dos Santos.

40 MILHÕES USD PARA INACTIVOS

O diagnóstico realizado pela equipa de Isabel dos Santos identificou cerca de 22 mil pessoas ligadas ao Grupo Sonangol, oito mil das quais como colaboradores activos. Os não activos estão contabilizados em 1.100 colaboradores e pesam mais de 40 milhões de dólares por ano, nos custos operacionais da companhia. Mais de oito mil pessoas ligadas à Sonangol são trabalhadores de empresas de trabalhos temporários, ao passo que os bolsiros internos e externos estão estimados em 1.934 estudantes.

Elevadas camadas hierárquicas que dificultam o processo de tomadas de decisões e chefias sem a visão transversal do negócio são os 'males' encontrados na parte organizacional da Sonangol, além funções duplicadas entre empresas do mesmo grupo e um número elevado de sociedades ligadas à empresa principal.

15,3

Mil milhões USD, receita bruta estimada em 2016.

tos" que limitaram o acesso ao financiamento programado para 2016.

Com a dívida total calculada em 9.851 milhões de dólares, a administração da petrolífera pública defende que existe a necessidade de a empresa contrair um novo empréstimo estimando em 1.569 milhões de dólares, justificando que existem compromissos finan-

EMPRESA Nampak Bevcan Angola produz cinco mil latas de alumínio por minuto, revelou o director-geral, Peter Mashangu, reforçando que prevê ter uma capacidade de armazenamento de 120 milhões de latas de alumínio.



A **SEGUNDA** fase da fábrica de umbilicais do Lobito, pertença da Angloflex Lda, arrancou, na semana passada, em acto testemunhado pelos membros do conselho de administração da Sonangol que é um dos accionistas.



A Vidrul tem um volume de negócios que rondam os 50 milhões USD/ano.

Manuel Tomás © VE

EM BENGUELA

Fábrica têxtil inicia produção

A fábrica Têxtil Lassola, antiga África Têxtil, em Benguela, arrancou finalmente o ciclo de produção, com o fabrico de toalhas, lençóis e cobertores, num investimento que custou 400 milhões de dólares e que deverá empregar mais de 220 trabalhadores nacionais, depois de sucessivos adiamentos por alegada falta de matéria-prima.

A direcção da fábrica pretende produzir anualmente 1,2 milhões de toalhas, 1,6 milhão de lençóis e 120 mil cobertores de algodão, conforme assegurou, à imprensa, o director industrial da unidade fabril, Yashima Moto, tendo assegurado que, nesta primeira fase, a empresa vai começar com a produção do fio, cujo algodão é importado e pode vir da Ásia, América e de alguns países africanos. No entanto, a previsão é a de que, numa segunda fase, a produção seja toda ela nacional.

A produção da fábrica destina-se ao mercado interno e externo, uma vez que Angola ainda importa elevadas quantidades de tecido.

A empresa, cujo funcionamento foi interrompido há 26 anos, foi totalmente recuperada, ampliada e modernizada “com equipamento de ponta, desde Março de 2012, criando 1.200 postos de trabalho directos”.



DIVERSIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO EM VISTA

Vidrul investe 40 milhões dólares em nova linha

INDÚSTRIA. Investimento permite criação de mais 70 novos empregos, numa altura em que a direcção da fábrica projecta mais vendas para mercados externos.

Por António Miguel

A fábrica de garrafas Vidrul, em Luanda, vai investir, no próximo ano, cerca de 40 milhões de dólares na instalação de uma nova linha de produção, antecipou ao VALOR o director-geral da unidade, Carlos Martins. Com a materialização do projecto, a Vidrul passará a produzir, em 2017, frascos de vidro, e espera aumentar a produção de garrafas, hoje fixada em 160 toneladas por dia.

Com as vendas a atingirem as 45 mil toneladas, o volume de negócios ronda actualmente os 50 milhões de dólares ao ano, sendo que 75% das garrafas produzidas são compradas pelas cervejeiras angolanas do grupo Castel. Os res-

tantes 25% são exportados para, pelo menos, 15 países africanos, mercados que serão o principal destino dos frascos que serão produzidos a partir do próximo ano.

A Vidrul, que conta com 320 funcionários, é a única empresa produtora de garrafas em Angola, mas, nos países africanos para onde exporta, “a concorrência é renhida”, o que a obriga, às vezes, a empresa a baixar os preços dos produtos para conseguir espaços naqueles mercados.

As garrafas angolanas, por exemplo, ainda não entram no mercado sul-africano “por ser mais exigente em termos de qualidade”, como reconheceu o gestor da Vidrul, que garante que os próximos desafios da empresa passam também pela comercialização dos seus produtos na África do Sul. “É uma obrigatoriedade termos de vender também fora de Angola, principalmente aí, onde

MEMORIZE

● A Vidrul exporta o seu produto para 15 países africanos, desde 2011, o que lhe valeu recentemente o Prémio Sirius, na categoria de Empresa Exportadora. No próximo ano, a única vidreira de Angola pretende comercializar frascos de vidro, no mercado internacional.

70

Novos postos de trabalho deverão criados em 2017 pela única vidreira de Angola

fazem vasilhames top de gama”.

Carlos Martins, que considerou alto o custo de produção, avançou que a crise financeira vem afectando a empresa apenas desde o ano passado, quando começaram a ter dificuldades em obter divisas para pagamentos aos fornecedores externos. Quanto à comercialização dos produtos, a Vidrul “não se ressentiu de qualquer impacto da crise”.

Com o novo investimento, a fábrica espera criar pelo menos 70 novos postos de trabalho, sendo maioritariamente técnicos de nível superior. “Estamos a ir às universidades contratar jovens recém-formados, nas áreas de engenharia, como electricidade e química”, informa o gestor, indicando não ser fácil. “No nosso país, os jovens pensam que só as petrolíferas dão conforto, mas nós também temos uma carreira aliciante para lhes oferecer. É possível as pessoas virem para o vidro e serem felizes”, desperta Carlos Martins.

(In)formalizando



MOTO-TÁXIS: A MANEIRA MAIS RÁPIDA DE FINTAR OS ENGARRAFAMENTOS

Pequenos negócios, rendimentos sobre rodas

TRANSPORTES. Pegar numa mota e transformá-la num táxi tem sido alternativa para quem quer ter negócio próprio e não depender apenas do salário mensal. Em Luanda, já há empresas de moto-táxis que vão sobrevivendo mesmo com a crise. Em todo país, há mais de 300 mil registados na associação que os coordena.

Por Amélia Santos

formação contínua em código de estrada, assistência médica em caso de acidente, para o motoqueiro e o lesado e, nalguns casos, assistência fúnebre, quando se confirma que os danos são da responsabilidade do moto-táxi. Cada membro tem direito a um colete com o número do cadastro, um cartão, desde que tenha todas as quotas pagas.

A associação tem fiscais em todos os pontos de paragens, em que tem membros que facilitem a cobrança para não se deslocarem aos bancos. O valor mensal da quota é de 3.000 kwanzas.

O número de jovens tende a crescer, muito devido à falta de emprego, outros por gosto, e há ainda quem prefira ser patrão e abrir o seu próprio empreendimento. Como é o caso dos irmãos Vunge, que, em 2011, decidiram abrir a própria empresa. Na altura, Isaías Vunge tinha oito motas e decidiu convidar o irmão Nelson a abrir a empresa. Depois de tratados todos os documentos, os dois ainda criaram empregos para oito

Um moto-taxista em Luanda pode facturar 6.000 kwanzas durante o dia. Multiplicando por 30 dias, atingindo os 180 mil kwanzas, para quem trabalha todos o mês, o que tem motivado muitos jovens a optarem por se tornar independentes, em vez de serem apenas assalariados. A Amotrang (Associação de Motoqueiros Transportadores de Angola) controla em todo o país, 309 mil motoqueiros. Na capital, tem registados 28.431 moto-táxis.

Podem fazer parte da Amotrang todos os motoqueiros, organizados ou não. Como membros, beneficiam de facilidades como

300

Mil, número de moto-táxis em todo o país.

6.000

Kwanzas, rendimento médio diário de um moto-taxista.

500

kwanzas, preço de uma viagem no centro da cidade.

Bruno William,
moto-taxista



A Amotrang (Associação de Motoqueiros Transportadores de Angola) controla em todo o país 309 mil motoqueiros. Na capital, tem registados 28.431 moto-táxis.



Bento Rafael, presidente da Amotrang

peçoas: dois para o escritório 'Is Vunge' que se situa na descida do Zamba 2, quem sai do hospital do Prenda, e seis moto-táxis. A pequena empresa, que presta serviços nas áreas de táxi, esta-feta e auxílio ou prestação de serviço, recebe diariamente dos seis moto-táxis cinco mil kwanzas, totalizando uma facturação avaliada em 30 mil kwanzas dia, perfazendo um valor aproximado de 660 mil kwanzas mensais.

De acordo com Nelson Vunge, o negócio já "esteve melhor". Mas, desde há algum tempo, baixou um pouco pelo surgimento de moto-taxistas um pouco por toda a parte. No entanto, entende que "ainda compensa fazer um investimento no negócio", apesar de enfrentarem problemas como a "pouca facturação" e ladrões. Este ano, foram roubadas duas das oito motos.

Os preços das rotas, no centro da cidade, são taxados a 500 kwanzas e, para fora, como em Talatona, Centralidade do Kilamba, Viana e Cacucaco, o valor pode chegar até 2.500 por viagem. Aos sába-

dos, domingos e feriados, o valor também vai sendo alterado.

Boa parte começa a jornada por volta das cinco e meia da manhã e termina o trabalho entre as 18 e as 19 horas. Há quem ainda tenha clientes fixos que não dispensam um meio rápido que poucas vezes enfrenta engarrafamentos.

Aos 23 anos, Bruno William é dono de uma moto e encontrou uma forma "mais digna" de sobreviver e sustentar a família. Tem um rendimento diário de aproximadamente seis mil kwanzas. O jovem, que trabalha nesta área há dois anos, prefere continuar a trabalhar como moto-taxista a depender de, por exemplo, um salário de 50 mil kwanzas ou menos, porque o valor que arrecada é maior em relação aos que as empresas oferecem. A sua jornada começa mais tarde às seis horas da manhã e termina entre as 17 horas as 19 horas,

dependendo do número de clientes.

Já Leandro Gama, de 20 anos, actualmente é um 'falideiro', alguém que trabalha com a moto de outra pessoa. Está no negócio há cerca de três anos. É a partir daí que consegue satisfazer todas as necessidades financeiras. Quando se lhe colocam as opções entre trabalhar como empregado ou ser empregador prefere ser empregador. O jovem está a juntar algumas economias para terminar os estudos e posteriormente estar empregado. Como 'falideiro' tem de entregar cinco mil kwanzas ao dono da moto e fica apenas com dois ou três mil kwanzas dependendo do rendimento do dia.

Além dos moto-taxistas, pelo interior dos bairros, ainda circulam os famosos kupapatas que recolhem os clientes à entrada das zonas, sobretudo de difícil acesso, e cobram entre os 150 e os 200 kwanzas por cada viagem, que podem render diariamente acima dos três mil kwanzas.



Leandro Gama, moto-taxista

Mério Mujetes ©VE

Todas as segundas-feiras Angola tem mais...

PAÍS VIZINHO RECLAMA RECURSOS DA 'ZONA CONJUNTA'
RD Congo exige indemnização de 500 milhões USD a Angola
 A AUTORIZAÇÃO unilateral da Sonangol à Chevron para a exploração de petróleo na 'Zona de Interesse Comum' está na base do conflito que já levou o presidente Joseph Kabila a 'varrer' do seu governo figuras 'favoráveis' a Angola. Pág. 14

PETROLEO
Potencial do onshore ignorado
 Com os custos de produção de petróleo a rondarem os 35 dólares por barril, especialistas apontam para a exploração onshore, que tem custos de produção mais baixos que promove a criação de micro economias locais e de emprego. A produção onshore em Angola marginal, abaixo dos 3%, contrariando a tendência mundial de 67% de todo o petróleo no mercado internacional é explorada onshore. Págs. 4-9

EM CAUSA A CRISE DE DIVISA:
Brasileiros querem conversão monetária entre real e kwanza
 A Associação de Empresas Brasileiras em Angola (AEBRAN) é autora de uma proposta que quer ser submetida ao governo brasileiro no sentido de acordos com as autoridades angolanas, para que o real seja aceite em Angola e o kwanza no Brasil. Pág. 16

Luanda com seis novas centrais eléctricas
 Empresa de Produção de Electricidade - PRODEL - adquiriu seis centrais da norte-americana General Electric, no valor de 300 milhões de dólares, que prevêm abastecer mais de 600 mil residências em Luanda. Pág. 18

CATIVACÃO DE DESPESAS MANTÉM PREVISÕES ECONÓMICAS
Governo descarta revisão imediata do OGE
 À entrada do segundo trimestre, o valor do barril do petróleo mantém-se abaixo do preço fiscal inactivo no Orçamento Geral do Estado, mas fontes oficiais avançam que o Governo não admite, para já, a revisão do documento. Os cortes nas despesas de investimento não prioritárias são uma das explicações para a insustentabilidade do Governo em alterar as referências do OGE deste ano. Págs. 10-11

4 Abril 2016 Segunda-Feira Circulação: 10.000 Nº 137 (2.º Ano) Direcção-Geral: Mério Mujetes

Moedas: ANZ USD 160,9 kZ (+0,9) EUR 181,02 kZ (+0,7) LIBRA 229,7 kZ (+0,3) YUAN 24,7 kZ (+0,1) RAND 80nd - 10,5 kZ (+0,3)

Descarregue a App

Assinaturas:
 assinaturas@gem.co.ao
 comercial@gem.co.ao



GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA
 Contactos comerciais: 941 784 791 - 941 784 792
 Rua Fernão Mendes Pinto, nº 35, Alvalade, Luanda - Angola

DE JURE

PROVÍNCIAS RECLAMAM MAIOR NÚMERO DE PROFISSIONAIS

Luanda tem mais de 900 advogados

JUSTIÇA. Maior parte destes profissionais está concentrada na capital do País. Ministério da Justiça fala em inverter quadro, mas alega não haver verba suficiente para acelerar processo.



A segunda província com mais advogados é Benguela, com apenas 30.

Por Isabel Dinis

Angola regista um défice acentuado na distribuição de advogados, mais de 800 profissionais trabalham na capital do país e várias regiões estão sem assistentes jurídicos, afirmou o

ministro da Justiça e dos Direitos Humanos, Rui Manguera.

Segundo o governante, em resposta aos deputados das comissões especializadas do Parlamento, num encontro com responsáveis dos órgãos da administração da Justiça, “é necessário criar defensores públicos, para cobrir o défice”.

O ministro informou que a segunda província com mais advogados é Benguela, com apenas

30. “A distribuição de advogados no país é muito desequilibrada. Com todo o projecto de expansão da reforma da justiça e do direito, vamos, necessariamente, ter de ter defensores públicos”, referiu.

A prioridade desse projecto será para as localidades onde não haja advogados. No entanto, a implementação de um projecto dessa natureza tem impacto no Orçamento Geral do Estado (OGE), o que obriga à admissão de funcionários, que teriam de estar adstritos ao Centro de Resolução de Litígios.

“Essa admissão não está, desde 2015, prevista na Lei do OGE”, sustentou o ministro. “Temos aqui uma dificuldade e vamos ter de atrasar um bocado esse processo”, assinalou.

Uma das preocupações levantadas no encontro tem que ver com o patrocínio judiciário, que está prevista na proposta de Lei do OGE 2017, com um valor de 37 milhões de kwanzas, correspondente a 0,07% do orçamento destinado ao Ministério da Justiça.

Rui Manguera adiantou ainda, durante o momento de perguntas e respostas, que o Guiché Único tem um plano de expansão dessas unidades no país, desde 2014 e cada capital de província deve ter um Guiché Único, “mas não há orçamento”.



ONG fala em ameaça da liberdade de imprensa

A organização Human Rights Watch (HRW) alertou que a nova legislação para a comunicação social ameaça a liberdade de imprensa e apelou ao Presidente José Eduardo dos Santos para que não a promulgue.

A Assembleia Nacional aprovou, a 18 de Novembro, um pacote de leis sobre a comunicação social, que inclui a Lei de Imprensa, as Leis sobre o Exercício da Actividade de Radiodifusão e sobre o Exercício de Actividade de Televisão, o Estatuto dos Jornalistas

e a Lei da Entidade Reguladora da Comunicação Social Angolana (ERCA).

“A nova lei da comunicação social de Angola é a mais recente ameaça à liberdade de expressão no país. O presidente deveria cumprir o seu compromisso com os direitos humanos e recusar-se a converter em lei estas restrições à imprensa”, disse Daniel Bekele, director sénior para África na HRW, citado num comunicado da organização.

As novas leis para a comunicação social surgem na sequência de queixas de alguns responsáveis governamentais sobre a alegada irresponsabilidade dos média.

100.000 BOAS NOTÍCIAS PARA ANGOLA: CHEGAMOS A TODAS AS PROVÍNCIAS.

Nova Gazeta

100 MIL. SEM CUSTO.

www.novagazeta.co.ao

ANGOLA SENTE



O Registo Eleitoral é obrigatório



Eu cumprio o meu dever
de cidadão. E tu?

**Actualiza o teu registo
junto a uma Brigada
de Registo Eleitoral.**

**Leva contigo o teu
Cartão de Eleitor e o teu BI.**

**Se não tiveres BI, leva só
o teu Cartão de Eleitor.**

Gestão

PRESTIGIADAS PELA QUALIDADE DE ENSINO E PELAS OPORTUNIDADES AOS ALUNOS

As universidades que dão mais empregos

ENSINO. É para quem pode: estudar no estrangeiro numa das universidades mais prestigiadas pode ser uma solução para quem quer ter um bom emprego em qualquer parte. A QS, uma das consultoras mais prestigiadas mundiais, fez um 'ranking' das instituições com maior sucesso em colocar quadros nas empresas. O VE fez a lista das 10 mais.

1

UNIVERSIDADE DE STANFORD, EUA

É considerada uma das mais prestigiadas do mundo. Tem, em média, mais de 15 mil alunos, todos os anos, e ocupa uma vasta área, em Palo Alto, na Califórnia. Foi fundada em Outubro de 1892, por Joan Stanford. Quase desde o início que seguiu a lógica de ter os alunos perto das escolas, com dormitórios próprios e serviços para professores e até para crianças. Gestão, Direito e Administração são os cursos mais conceituados.

INSTITUTO DE TECNOLOGIA DE MASSACHUSETTS (MIT), EUA

É famoso pela sigla MIT que tornou este instituto uma 'marca' mundial. Especialista em tecnologias de ponta e engenharia, sobretudo depois da II Grande Guerra, foi a primeira universidade norte-americana a adaptar-se aos modelos europeus. Tem 155 anos e um orçamento anual de mais de 13 mil milhões de dólares.

2

3

UNIVERSIDADE DE TSINGHUA, CHINA

Ao lado da Universidade de Pequim, é a mais prestigiada da China. Está também localizada na capital. Formou muitos dirigentes chineses, entre eles, dois presidentes. A especialidade é engenharia, mas estendeu a influência a outros cursos. Tem um edifício imponente que se destaca em Pequim, seguindo o modelo arquitectónico socialista.

4

UNIVERSIDADE DE SYDNEY, AUSTRÁLIA

É a maior universidade da Austrália, mas começou apenas com três professores e 30 estudantes, em 1850. É a que mais recebe fundos estatais para investigação, tornando-se conceituada no ensino do inglês. Tem mais de 100 departamentos em 17 faculdades. Dos mais de 42 mil estudantes, mais de sete mil são estrangeiros, que são ensinados por mais de dois mil professores.

5

UNIVERSIDADE DE CAMBRIDGE, REINO UNIDO

É uma das mais famosas universidades do mundo e a segunda mais antiga do Reino Unido. Foi fundada em 1209 e, por ordem do rei Henrique III, passou a ser exclusiva. Começou aí a importância da universidade para o país. Concluir um curso aqui significa abrir uma porta para o emprego em qualquer parte do mundo. Já 'deu' 82 prémios Nobel e tem sido várias vezes classificada como a melhor do mundo, ao lado da rival de Oxford. Aceita alunos de todo o lado e está dividida por faculdades e departamentos.

6

ESCOLA POLITÉCNICA DE PARIS, FRANÇA

É a mais prestigiada escola de engenharia de França. Foi fundada em plena Revolução Francesa com o objectivo de se dedicar aos altos estudos sobre trabalho e políticas públicas. Depois da revolução, houve a necessidade de a adaptar às necessidades de altura que passavam pela construção.

7

UNIVERSIDADE DE COLUMBIA, EUA

Foi criada ainda no tempo colonial como 'Escola do Rei' e hoje é uma das mais prestigiadas dos EUA, ao lado de Harvard e Princeton. Já formou 43 prémios Nobel, 23 chefes de Estado, entre eles, três presidentes dos EUA e cinco fundadores do país. Desde que se fazem 'rankings' sempre constou entre as 20 melhores. Ocupa 120 mil hectares de terreno perto de Nova Iorque e já abriu delegações em mais oito países.

9

UNIVERSIDADE DA CALIFÓRNIA, EUA

Apesar de genericamente ter o nome de universidade, na realidade, é uma instituição que alberga 10 universidades no estado da Califórnia, entre elas as prestigiadas Berkeley, San Diego e Los Angeles (UCCLA). São instituições públicas, cujos dirigentes são eleitos por um colégio eleitoral. Tem cerca de 160 mil estudantes que se formam em todas as áreas, da educação física à engenharia espacial e nuclear.

10

UNIVERSIDADE DE PRINCETON, EUA

É mais conhecida pelos inúmeros doutoramentos, graduações e pós-graduações que atribui todos os anos. É considerada uma das mais ricas do mundo e vive apenas de doações de ex-estudantes e por um conselho de investidores. Tem um orçamento anual que ronda os 11 mil milhões de dólares. Tem mais prestígio na Matemática, Física, Astronomia, Economia e História.

8

UNIVERSIDADE DE OXFORD, REINO UNIDO

Ganha' na rival Cambridge por ser a mais antiga de Inglaterra e a segunda da Europa. Foi criada por o rei querer impedir os estudantes de irem para França. Soma êxitos todos os anos graças às 38 faculdades que lhe dão um prestígio ímpar pelo mundo. Tal como em Cambridge, cursar em Oxford é garantia de emprego. Além da associação de estudantes, tem um 'Parlamento Académico' com mais de 3700 membros, em que entram professores, pessoal administrativo e estudantes.

Donald Trump e a nova ordem económica



Michael Spence

Desde o fim da II Guerra Mundial, a hierarquia das prioridades económicas tem sido relativamente clara. No topo, está a criação de uma economia global aberta, inovadora e dinâmica baseada no mercado, na qual todos os países podem prosperar e crescer. Ser segundo gera apenas padrões de crescimento nacional vigorosos, sustentáveis e inclusivos. Mas não mais do que isso.

Parece estar em marcha uma inversão desta política. A obtenção de um forte crescimento inclusivo nacional para reavivar uma classe média em declínio, dar início a rendimentos estagnados e reduzir o elevado desemprego juvenil está agora a ter a primazia. Os acordos internacionais mutuamente benéficos que regem os fluxos de bens, capital, tecnologia e pessoas (os quatro fluxos-chave na economia global) são apropriados apenas quando reforçam - ou, pelo menos, não prejudicam - o progresso no cumprimento da mais alta prioridade.

Esta reversão tornou-se evidente em Junho, quando os britânicos - incluindo aqueles que beneficiam significativamente do actual sistema aberto económico e financeiro - optaram por deixar a União Europeia (UE), com base no que poderia ser chamado de 'princípio de soberania'. As instituições da UE foram vistas como estando a prejudicar a capacidade da Grã-Bretanha para impulsionar a sua própria economia, regular a imigração e controlar o seu próprio destino.

Uma visão semelhante anima movimentos políticos nacionalistas e populistas em toda a Europa, muitos dos quais acreditam que os arranjos supra-nacionais devem estar a seguir à prosperidade doméstica. A UE, que na sua actual configuração deixa os seus Estados-Membros à margem de instrumentos políticos

para satisfazer as necessidades dos seus cidadãos, é um objectivo fácil.

Mas, mesmo sem esses arranjos institucionais, existe a sensação de que enfatizar os mercados e vínculos internacionais pode dificultar a capacidade de um país para promover os seus próprios interesses. A vitória de Donald Trump nas eleições presidenciais dos EUA deixou isso muito claro.

Em consonância com o principal slogan da campanha de Trump 'Faz a América grande de novo', foi o seu 'América primeiro' que se tornou mais revelador. Embora o Trump possa prosseguir acordos bilaterais mutuamente benéficos, pode-se esperar que serão subordinados às prioridades domésticas.

A frustração dos eleitores dos países desenvolvidos com a antiga arquitectura económica global, impulsionada pelo mercado, não é infundada. Essa ordem permitiu que forças poderosas, por vezes fora do controlo das autoridades eleitas e dos criadores de políticas, moldassem as economias nacionais. Pode ser verdade que algumas elites da 'nova ordem' optem por ignorar as consequências adversas de distribuição relacionadas ao emprego da 'velha ordem', ao mesmo tempo que colhem os benefícios. Mas também é verdade que a 'velha ordem', tomada como sacrossanta, impede a capacidade das elites de resolver esses problemas.

Este não foi sempre o caso. Na esteira da II Guerra Mundial, os EUA, motivados em parte pela Guerra Fria, ajudaram a criar a 'velha ordem', facilitando a recuperação económica no Ocidente e, ao longo do tempo, criando oportunidades de crescimento para os países em desenvolvimento. Durante 30 anos, os aspectos distributivos dos padrões globais de crescimento que esses esforços sustentaram foram positivos, tanto para os países, individualmente, quanto para o mundo como um todo. Comparado com qualquer coisa que veio antes, a ordem do pós-guerra foi uma bênção.

Mas nada dura para sempre. À medida que a desigualdade entre os países diminuiu, a desigualdade dentro dos países aumentou - ao ponto que a reversão das prioridades era provavelmente inevitável. Agora a reversão chegou também às consequências. Embora seja difícil dizer com precisão quais serão, algumas parecem bastante claras.

Para começar, os EUA serão mais relutantes em absorver uma parcela desproporcional do custo de fornecer bens públicos globais. Enquanto outros países vão eventualmente aproveitar essa vaga, haverá um período de transição de duração desconhecida, durante o qual o fornecimento de tais bens pode diminuir, minando a estabilidade. Por exemplo, é provável que os termos de envolvimento na NATO sejam renegociados.

O multilateralismo - há muito tempo possibilitado pelo mesmo tipo de contribuição assimétrica, embora normalmente proporcional à renda e à riqueza dos países - também perderá força, à medida que a tendência para acordos bilaterais e regionais de comércio e investimento se acelere. É provável que Trump seja um dos principais defensores desta abordagem. Na verdade, até mesmo acordos comerciais regionais podem ser descartados, como sugere a sua oposição à ratificação da Parceria Trans-Pacífico entre 12 países.

Isso cria uma oportunidade para a China liderar um pacto comercial para a Ásia - uma oportunidade que os líderes chineses já estão dispostos a aproveitar. Em conjunto com a sua estratégia 'um cinturão, uma estrada' e a criação do Banco de Investimento de Infra-Estrutura Asiático, a influência da China na região irá expandir-se significativamente.

Enquanto isso, para os países em desenvolvimento que não têm o poder económico da China, a tendência de ficar longe do multilateralismo pode prejudicar. Enquanto

os países pobres e menos desenvolvidos encontram oportunidades para crescer e prosperar sob a antiga ordem, vão lutar para negociar de forma eficaz numa base bilateral. A esperança é que o mundo reconheça o interesse colectivo em manter abertas as vias de desenvolvimento para os países mais pobres, tanto para benefício desses países quanto para o bem da paz e da segurança internacionais.

Além do comércio, a tecnologia é outra poderosa força global que provavelmente será tratada de maneira diferente na 'nova ordem', tornando-a sujeita a regulamentos mais nacionais. As ameaças cibernéticas vão exigir, contudo, alguns regulamentos e mudanças nas intervenções políticas. Mas outras ameaças - por exemplo, as falsas notícias que proliferaram no Ocidente (e, em particular, nos EUA durante a campanha presidencial) - também podem exigir uma abordagem mais prática. E a adopção de tecnologias digitais que deslocam o trabalho pode precisar de ser estimulada, para que o ajuste estrutural da economia possa manter-se.

A nova ênfase nos interesses nacionais tem claramente custos e riscos. Mas também pode trazer benefícios importantes. Uma ordem económica global que assenta numa fundação desmoronada - em termos de apoio democrático e de coesão política e social - não é estável. Enquanto as identidades das pessoas estiverem principalmente organizadas, como são agora, em torno da cidadania nos Estados-nação, uma abordagem de primeiro país pode ser a mais eficaz. Goste-se ou não, estamos prestes a descobrir.

Prémio Nobel de Economia, professor de Economia na Stern School of Business da NYU, presidente do Conselho Académico do Instituto Ásia Global em Hong Kong e do Conselho da Agenda Global do Fórum Económico Mundial sobre Novos Modelos de Crescimento.

À medida que a desigualdade entre os países diminuiu, a desigualdade dentro dos países aumentou - ao ponto que a reversão das prioridades era provavelmente inevitável. Agora a reversão chegou também às consequências. Embora seja difícil dizer com precisão quais serão, algumas parecem bastante claras.

Internacional



CABO VERDE

FMI prevê crescimento de 3,2% em 2016

O Fundo Monetário Internacional (FMI) prevê, em 2016, um crescimento de 3,2% para Cabo Verde, sustentado pelo investimento directo estrangeiro (IDE), pela procura interna, agricultura e turismo, devendo beneficiar da ligeira retoma

na Europa. A previsão consta do relatório final da missão técnica que esteve em Cabo Verde, em Outubro, aprovado a 18 de Novembro pelo conselho de administração do FMI.

Com esta previsão, o FMI revê em baixa as previsões de crescimento apresentadas em Outubro no relatório sobre as Perspectivas Económicas Regionais para a África Subsaariana, que apontavam para um crescimento de

3,6% este ano e de 4% em 2017. O relatório assinala, a nível interno, o início da recuperação da confiança dos consumidores e dos investidores e estima a manutenção da taxa de inflação. A taxa de desemprego diminuiu para 12,4%, assim como o desemprego jovem que, no entanto, se manteve elevado em 28,6%.

No primeiro semestre de 2016, o turismo prosseguiu o seu crescimento

forte e IDE acelerou, reflectindo um grande aumento dos projectos planeados, de acordo com o relatório.

O FMI instou ainda a realização de “progressos adicionais” nas reformas para impulsionar a competitividade, incluindo a melhoria do ambiente de negócios, o aumento da eficiência do mercado de trabalho e o apoio à educação e formação profissional para reduzir os desalinhamentos de competências.

PRESIDENTE CUBANO PROMETE MANTER REFORMAS

Morte de Fidel na hora da reestruturação económica

CUBA. Com morte de Fidel Castro, foi ‘enterrado’ também um modelo único de socialismo. País iniciou mudanças económicas que actual presidente Raúl Castro promete manter, mas de “forma faseada”. Cuba não vai ser a mesma

Por Emídio Fernando

Durante a semana, milhares de pessoas, pelas ruas das principais cidades de Cuba, acompanharam as cerimónias

fúnebres de Fidel Castro. Falecido aos 90 anos, o ex-líder cubano foi cremado, as cinzas colocadas num pequeno caixão que percorreu, em sentido inverso, as localidades cubanas que os revolucionários, liderados por Fidel, conquistaram até chegar a Havana.

Com centenas convidados de todo o mundo, entre chefes de Estado e do governo, Cuba rendeu a última homenagem a Fidel Castro, numa altura em que o país vai mudando lentamente de sistema económico.

Fidel Castro deixou o poder em 2008, por doença. A presidência foi assumida pelo irmão Raúl Castro que, desde então, encetou mudanças económica em Cuba,

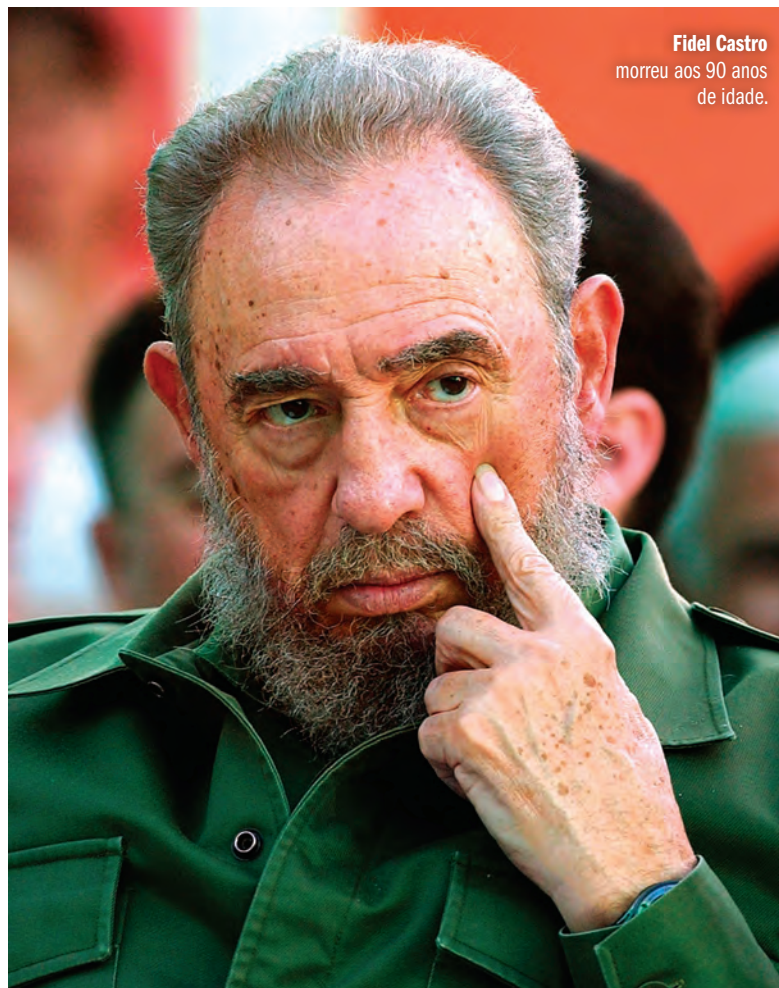
que já permitem a criação de pequenas empresas privadas, a aceitação de investimentos estrangeiros sob determinadas condições, a desvalorização da moeda o que permite maior entrada de turistas, uma das maiores fontes de receita de Cuba, a possibilidade dos proprietários de casas poderem alugar quartos a turistas, impostos aos novos trabalhadores e cortes de subsídios e benefícios sociais.

2008

Ano em que Fidel deixou o poder, por doença.

1959

Ano em que os EUA cortaram relações diplomáticas com Cuba.



Fidel Castro morreu aos 90 anos de idade.

De facto, a reforma económica foi iniciada em 2011 e já permitiu que os Estados Unidos, ainda sob a liderança de Barack Obama, admittissem a possibilidade de levantar as sanções económicas que duram há mais de 50 anos. O líder norte-americano visitou Cuba este ano, abrindo as relações diplomáticas que estavam cortadas desde 1959.

Depois da morte de Fidel Castro, os dirigentes cubanos já reafirmaram a vontade de continuar com as reformas económicas. Antes de completar 90 anos, em Agosto, Fidel Castro previa que, depois dele, “vinham mais propostas radicais”.

Raúl Castro é assumidamente um admirador do modelo vietnamita que junta parte da ideologia socialista com a economia de mercado, mas admite que terá de ser a uma “velocidade mais lenta”.

Entre as reformas, Cuba reduziu as tarifas dos telemóveis que obrigava a que poucas pessoas tivessem acesso às comunicações móveis e à internet e permite agora a compra de automóveis e casas por particulares.

A ASSEMBLEIA de Moçambique aprovou uma emenda ao Código do Imposto sobre o Valor Acrescentado para simplificar os procedimentos no cumprimento das obrigações fiscais para adaptar práticas às exigências do comércio internacional.



O PRESIDENTE do Senado brasileiro, Renan Calheiros, vai ser arguido por peculato, desvio de dinheiro público, falsidade ideológica e uso de documentos falsos.



QUEDA DE AVIÃO NA COLÔMBIA

Clube de Chapecó admite processos judiciais



Chapecoense estuda tomar medidas judiciais contra a companhia aérea Lamia quando concluir o transporte dos corpos das vítimas do acidente aéreo, da semana passada. “Estamos focados na questão humanitária, das famílias e das

vítimas. Num segundo momento, vamos ter de parar para pensar na reestruturação da equipa e também nas medidas judiciais”, anunciou o vice-presidente jurídico do Chapecoense, Luiz António Palaoro, em Chapecó, no Estado de Santa Catarina.

O piloto que comandava a aeronave, que levava 77 pessoas a bordo, reportou “falha eléctrica total” e falta de combustível

ao aproximar-se do aeroporto de colombiano de Medellín, segundo uma gravação divulgada pela comunicação social.

A bordo do avião seguiam 77 pessoas, entre passageiros e tripulantes, e 71 morreram no acidente. Além de elementos do Chapecoense, seguiam no avião 22 jornalistas, dos quais um sobreviveu.

Este foi o oitavo acidente este

ano com quedas de avião no mundo, mas é um registo muito mais baixo em relação aos anos anteriores. 2016 é mesmo considerado o ano mais seguro da aviação civil da última década.

Vários especialistas têm alertado que o abastecimento de combustível apenas o “estritamente necessário” é uma “prática usada por muitas companhias aéreas” para fazerem poupanças económicas.

TIMOR-LESTE

Ex-ministra pode ser presa

Tribunal de Dili emitiu um mandado de captura para a ex-ministra das Finanças Emília Pires - actualmente a receber cuidados médicos em Portugal -, no âmbito de um processo-crime em que é acusada, cuja sentença será conhecida este mês.

O colectivo de juízes, presidido por José Maria Araújo, alterou ainda a medida de coação aplicada a Emília Pires de Termo Identidade e Residência (TIR) com proibição de viagens ao exterior sem autorização do tribunal para prisão preventiva.

A decisão dos juízes implica que Emília Pires, que tem nacionalidade timorense, portuguesa e australiana, será detida no caso de entrada em qualquer das fronteiras timorenses, já que actualmente Timor-Leste

não tem qualquer acordo de extradição com outros países.

Emília Pires é acusada, com a ex-vice-ministra da Saúde Madalena Hanjam, de participação económica em negócio e administração danosa por supostas irregularidades na compra de centenas de camas hospitalares em contratos adjudicados à empresa do marido da ex-ministra das Finanças, com um suposto conluio entre os três para a concretização do negócio, no valor de 800 mil dólares.

O caso de Emília Pires, já é o mais mediático da história de Timor-Leste, tem dominado o debate na imprensa e nas redes sociais no país, onde a ex-ministra tem sido criticada devido aos solavancos que marcaram a recta final do processo. A ex-ministra solicitou a transferência do processo para Portugal, alegando falta de capacidade por parte do sistema judicial timorense.



MOÇAMBIQUE

Corrupção em grande escala

O Gabinete Central de Combate à Corrupção (GCCC) de Moçambique deduziu acusação contra 27 arguidos por corrupção ligada ao Fundo de Desenvolvimento Agrário (FDA) no valor equivalente a 2,3 milhões de dólares, anunciou a entidade.

O GCCC refere que oito arguidos estão em prisão preventiva pela prática de crimes de corrupção, abuso de cargo, pagamento de remunerações indevidas, branqueamento de capitais, burla por fraude e associação para delinquir. “Entre os arguidos fazem parte a antiga presidente do Conselho de Administração e alguns gestores do Fundo de Desenvolvimento Agrário”, refere uma nota de imprensa. Ao todo, indica o comunicado, o GCCC constituiu arguidos 39 suspeitos, sendo 12 servidores públicos, 21 do sector privado.

POLÍTICOS ‘ARRASTADOS’ NA LAVA JATO

Odebrecht pede desculpas

A empreiteira brasileira Odebrecht pediu desculpas e admitiu ter “errado” ao participar em “práticas impróprias”, no âmbito da Operação Lava Jato, que investiga um mega esquema de corrupção na petrolífera estatal Petrobras.

Em comunicado, a construtora começa por dizer “desculpe, a Odebrecht errou”, reconhecendo que “participou de práticas impróprias”. “Não importa se cedemos a pressões externas. Tampouco se há vícios que precisam de ser combatidos ou corrigidos no relacionamento entre empresas privadas e o sector público. O que mais importa é que reconhecemos o nosso envolvimento, fomos coniventes com tais práticas e não as combatemos como deveríamos”.

O comunicado surge no mesmo dia em que pessoas ligadas à empresa

começaram a assinar acordos de delação premiada (prestação de informações em troca de eventual redução de pena) no âmbito da Lava Jato, segundo a imprensa brasileira.

No total, 77 pessoas vão fazer acordos com o Ministério Público Federal, entre os quais o ex-presidente da Odebrecht, Marcelo Odebrecht, que se encontra detido desde 2015 e que já foi condenado a 19 anos e a quatro meses de prisão.

Será também assinado um acordo com a Odebrecht, o que poderá ter um grande impacto nos meios políticos, dado que executivos da empresa citaram mais de 200 nomes de políticos, de acordo com a imprensa local.

O acordo, que inclui também os EUA e a Suíça, prevê uma multa de 2,2 mil milhões de dólares com prazo de pagamento de 20 anos. Assim, a empresa poderá continuar a ser contratada pela administração pública e a contrair empréstimos.



Maria Emília Pires, ex-ministra timorense das Finanças.



No total, 77 pessoas vão fazer acordos com o Ministério Público Federal.

Ambiente

POR CAUSA DA CONSERVAÇÃO DA PALANCA

Angolano ganha prémio internacional

DISTINÇÃO. Angolano que cuida da palanca negra gigante foi distinguido com prémio da Organização Tusk do Reino Unido. Príncipe William presenciou acto.

Por Pihia Rodrigues

O pastor de palancas Manuel Sacaia recebeu na semana passada, em Londres, o prestigiado prémio da Tusk, na categoria de Fiscal de 2016. O prémio foi atribuído na presença do Príncipe do Reino Unido, William, anunciou o site da Fundação Kissama.

O malangino, natural do Luquembo, torna-se assim no primeiro angolano a figurar entre os cinco finalistas ao 'Tusk Game Ranger Award', que visa galardoar "pessoas extraordinárias, cujo tra-

balho e vida poderiam passar despercebidos fora de seus campos". A organização considera que o trabalho destes "heróis desconhecidos fazem com que a vida selvagem e as comunidades na África salvaguardem o futuro para todos nós".

O veterano pastor de palancas na Reserva Natural Integral do Luando,

14

anos foi a idade em que Manuel Sacaia criou interesse na palanca.

Manuel Muhongo Sacaia, de 62 anos, arrebatou o prémio na categoria de fiscais e conservação.

O conceituado fiscal reconheceu, em entrevista ao jornal OPAÍS, não ser tarefa fácil proteger a palanca negra.

Manuel Sacaia ganhou o interesse aos 14 anos, quando trabalhava como ajudante de cozinha e potencial fiscal da palanca, tendo acompanhado um cientista norte-americano, que esteve em Malanje para estudar a palanca. Desde então, dedica-se à preservação do animal, mesmo com os riscos de vida por que tem passado.

A Fundação Kissama, que desenvolve o programa dos Pastores da Palanca (membros da comunidade, alguns antigos fiscais, que se dedicam ao patrulhamento e protecção da palanca) candidatou este ano o fiscal para o Prémio.



A palanca negra gigante encontra-se na reserva do Parque Nacional Cangandala, Malanje.

ALERTA DAS NAÇÕES UNIDAS

Mundo à beira da crise de água

A ONU e líderes de vários países voltaram a alertar, na semana passada, que o mundo caminha para uma crise insustentável de abastecimento de água potável devido a factores como a mudança climática e o crescimento da população.

O presidente da Assembleia Geral da ONU, Peter Thomson, um dos participantes da Cimeira

da Água, que decorreu na semana passada, em Budapeste, na Hungria, alertou que "o mundo avança por um caminho que segue em direcção ao insustentável".

O responsável, citado pelo jornal G1, referiu-se ao sexto Objectivo de Desenvolvimento Sustentável, aprovado pela ONU em 2015, que adverte que a escassez de água, que já afecta mais de 40% da população mundial, vai crescer com o aumento das temperaturas devido à mudança climática.

Peter Thomson lamenta o facto

de "a humanidade não entender, por enquanto, a importância disto", mas afirma haver esperanças se for cumprida a meta do Acordo de Paris: de manter o aumento da temperatura média abaixo dos dois graus centígrados.

Na abertura da conferência, na qual participaram representantes de 117 países, foi lida uma mensagem do secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, que reivindicou mudanças para assegurar o acesso universal à água potável e limpa.

Os participantes da Cimeira de Água de Budapeste trataram, em dois dias, assuntos relacionados com esse recurso, como o fornecimento, os impactos da mudança climática e o financiamento das políticas relacionadas com a água.

A declaração final, resultante da conferência sobre políticas relacionadas com a água, será depois debatida na cimeira sobre os oceanos que será realizada em 2017, em Nova Iorque, segundo antecipou Peter Thomson.



A escassez de água já afecta mais de 40% da população mundial.

Educação & Tecnologia

ACORDO PRETENDE FACILITAR PESQUISA ACADÉMICA

Angola Cables vai prover conectividade entre as IES

COOPERAÇÃO. Empresa de telecomunicações Angola Cables assina acordo para desenvolver rede de internet de próxima geração para pesquisa e educação nas instituições de ensino superior (IES) entre África, Estados Unidos e América Latina.

Por Edno Pimentel

Um acordo com vista à cooperação conjunta no desenvolvimento de uma rede de internet de próxima geração para a pesquisa e educação entre África, os Estados Unidos e a América Latina foi assinado na semana passada, em Luanda, entre a Angola Cables e o consórcio americano AmLight.

O memorando, rubricado pelo presidente do conselho de administração da Angola Cables, António Nunes, e o CEO da AmLight, Donald Cox, formaliza as obrigações de pesquisa colaborativa entre as duas instituições e o cronograma para os próximos dez anos e tem como principal objectivo ligar as comunidades de investigadores e estudantes, promovendo a criação e partilha de conhecimento entre Angola – e outros países africanos –, os Estados Unidos, o Brasil bem outros países latino-americanos.

Para António Nunes, a assinatura do protocolo “solidifica o compromisso com a infra-estrutura de investigação para apoiar a pesquisa e educação, através da operação da infra-estrutura de rede de produção para a comunicação e colaboração. “Este é um dos propósitos do SACS, nosso principal projecto, para dar às pessoas a oportunidade de compartilhar ideias, conhecimentos e melhorar o desenvolvimento social e económico”, disse o PCA da Angola Cables.

UJES E UAN LIGADAS EM REDE

As regiões académicas I – que compreende Luanda e Bengo – e V, que congrega as províncias do Huambo, Moxico e Bié, poderão, nos próximos tempos, partilhar o mesmo espaço de pesquisa académica através de uma rede virtual.

O desafio para a criação de uma plataforma digital entre as

universidades Agostinho Neto (UAN) e José Eduardo dos Santos (UJES) foi lançado pelo ministro da Telecomunicações e Tecnologias de Informação, José Carvalho da Rocha, à empresa de telecomunicações Angola Cables durante a assinatura do memorando com a americana AmLight.

José Carvalho da Rocha justifica

a conectividade para fins de pesquisa académica entre as duas instituições do ensino superior (IES) por estas serem “os principais centros de conhecimento no país”.

“A ideia é que, com uma ligação por cabo, se possa melhorar a interacção, de forma a facilitar a troca de experiências e a criação de laboratórios nesses dois grandes centros académicos”, avançou o governante.

Já a ministra Cândida Teixeira, da Ciência e Tecnologia (MINCIT), anunciou, para breve, a realização de um encontro entre o seu ministério e o do Ensino Superior (MES) e ainda o das Telecomunicações e Tecnologias de Informação (MTTI) para discutir a Rede Nacional de Integração entre as IES e as demais instituições, de forma a melhorar a interacção entre elas.



António Nunes,
PCA da Angola Cables

Mário Mujetes © VE

MEMORIZE

● **A Angola Cables** é uma empresa angolana de telecomunicações fundada em 2009, que opera no mercado grossista, como foco na comercialização de capacidade em circuitos internacionais de voz e dados através de sistemas de cabos submarinos em todo o Atlântico Sul e África. É responsável pela gestão e desenvolvimento do WACS (West Africa Cable System), que presta serviços de nível de transporte a operadores em Angola e na região subsaariana do continente, tornando-se rapidamente um dos principais fornecedores grossistas IP na região.

O curso vai contribuir para o desempenho técnico-científico.



INVESTIGAÇÃO

UAN dá formação

O Centro de Botânica da Universidade Agostinho Neto (UAN) promove, até amanhã (6 de Dezembro), o curso de Análise Multivariada de Dados Ecológicos, entre as 9 e as 17 horas.

A formação visa dotar os técnicos e participantes de conhecimento e aptidões para utilização de técnicas multivariadas para análise e interpretação de dados ecológicos, indica uma nota enviada à imprensa.

A análise multivariada é uma ferramenta estatística essencial aplicada à investigação científica. A aplicação desta técnica requer a utilização de ‘softwares’, desta forma, para a sua execução, é necessária uma formação profissionalizante do investigador/técnico, ligados ao estudo da fauna/flora-vegetação e áreas afins.

O curso visa igualmente contribuir para o desempenho técnico-científico e académico dos recursos humanos ligados à investigação científica.

A formação está a ser ministrada no Centro de Botânica da UAN, na avenida ‘Revolução de Outubro’.

Marcas & Estilos

Alto nível

Macio, leve, com revestimento de membrana de poliuretano termoplástico e acabamento DWR (repelente de água durável), o casaco Dintex proporciona uma excelente resistência à água e ao vento, mantendo o mais alto nível de respirabilidade.

Sons inspiradores

Experimente a mais imersiva e inspiradora sensação musical com o projector Sony 4K com tecnologia de cinema SXRD 4K. D. Proporciona quatro vezes mais resolução sonora que os dispositivos convencionais.

Sensual

O vestido Black Mini não podia estar mais bem acompanhado. O colar Balmain realça a sua sensualidade impregnada nas pérolas criteriosamente seleccionadas. A durabilidade poderá apenas ser determinada pela lavagem a seco.

Designs funcionais

O sofá cama conversível Zipline Sleeper com três otomanas de acompanhamento apresenta uma múltipla funcionalidade, característica de design que lhe permite adaptar a qualquer situação.

A favorita

Este CDC está em condição nova. É a combinação favorita com ouro rosa de que as senhoras muito gostam. Deslumbrante e de fácil manuseio, adapta-se muito bem se for usado para se exibir em fotografias.

Para a vida

O Duffle Gunnar é a melhor pasta de sobrevivência diária. É perfeita para um fim-de-semana ou uma semana longa viagem. Feita com couro adesivo de grãos inteiros, macio e durável que também é resistente à água. E como todos os produtos, este Duffle Gunnar vem com uma garantia de vida.

TURISMO

Madeira para o reveillon

Há cheiros e sabores de Angola na ilha da Madeira, em Portugal: é com as frutas como a banana e os tabaibos (como se diz no sul de Angola e entre madeirenses), há a gastronomia e uma temperatura ao longo do ano que se aproxima muito da do Huambo. Talvez também por isso, muitos madeirenses colonizaram a Huíla, influenciando na cultura e na forma de estar. Daí que se encontrem traços de Angola numa das zonas procuradas por turistas europeus. Mas que pode ser um excelente destino para angolanos, sobretudo na época do fim de ano, cujo 'reveillon' já ganhou fama mundial, por causa das festas e do fogo-de-artifício.



AUTOMÓVEL

Mais um SUV da Seat

Definitivamente, os SUV entraram no gosto dos consumidores, nos sonhos de quem quer um carro novo e nas aspirações de marcas de automóveis. O ano ainda não terminou e já se anuncia novidades para...2018. É o caso da Seat que depois de ter lançado dois modelos, em dois anos, já anunciou um novo SUV, mais largo, mais forte e com sete lugares. A ideia é entrar na concorrência com

um carro de 4,70 metros de comprimento, mas com uma imagem mais desportiva em relação aos modelos anteriores. Este terceiro SUV já foi apresentado no Salão de Genebra e tem versões em gasolina e a gasóleo e uma outra com tracção às quatro rodas o que dá sempre jeito para Angola. O modelo vai ser de 2018, mas já deve ser comercializado no último trimestre de 2017.



AGENDA

LUANDA

8 DE DEZEMBRO

A artista plástica Grácia Ferreira inaugura a exposição individual 'Nguimbi' (na banda) Espaço Luanda Art'ELA'.

10 DE DEZEMBRO

Festa da marca 'Afrokissamá' oferece a todos os africanos a colecção do embondeiro...com desfile de moda e bazar, no hotel Diamante.

10 DE DEZEMBRO

Yola Semedo e banda actuam no espaço Tchiana House, com participação especial de Valdemar Ngombo, pelas 19 horas.

17 DE DEZEMBRO

Prêmios 'Jovens da Banda', no Museu das Forças Armadas. A partir das 18h30.

HUÍLA

10 DE DEZEMBRO

Eduardo Paím realiza um espectáculo na nave do hotel Serra da Chela, com convidados Mago de Sousa e os Tuneza. 4.000 e 8.000 kwanzas. A partir das 21 horas.

“A produção baixou muito e é normal dividido à crise em Angola. Mesmo assim, tentamos dar o melhor. Mas foi uma queda muito grande.”

DJ DIAS RODRIGUES

“Empresários fogem dos apoios aos músicos”

MÚSICA. Apesar de já ter trabalhado com grandes nomes da música nacional e internacional, DJ Dias Rodrigues ainda sonha gravar com Carlitos Viera Dias e Rui Mingas, ‘colossos’ do semba. Produtor e técnico de som da RNA, garante que produção musical angolana “baixou muito” devido à crise.

Por Amélia Santos

Como surge o projecto ‘Pikante’?
‘Pikante’ surgiu em 2000, na senda da produção com Caló Pascoal, DJMania e Nelo Paim, que foram os meus ídolos. Ensinaram-me como as coisas funcionam, mas foi uma experiência muito boa. Até hoje trabalho com eles e vou caminhando. Em 2001, conheci o grande Bentinho Feijó e Calo Barbosa (dos Tabanka Djazz’) que fui ‘comendo’ a experiência e aprendo todos os dias.

Paga aos artistas que participam no seu projecto ou é por cortesia?
Na maior parte das vezes, entramos num acordo de trabalho. Não canto, mas produzo. Há sempre acordos no qual os músicos são sensíveis. Aos outros que vivem fora de Angola pago sempre, mas o pagamento pode não ser o que devia pagar, porque existe a amizade. Nem tudo na vida é dinheiro.

Com que artistas gostava de trabalhar e que ainda não trabalhou?
Gostaria de ter dois grandes kotas da música angolana, Carlitos Viera Dias e Rui Mingas. São os colossos do semba em Angola e sei que me vão dar uma oportunidade, porque sabem do que sou capaz de fazer para o semba, não fugindo muito daquilo que fazem, mas no contexto actual.

Qual dos cinco ‘Pikantes’ foi o mais difícil de concluir?

Confesso que o Pikante 2 e 3 foram os mais difíceis, porque era abertura da nova era do DJ Dias Rodrigues, que tinha de tentar dar o seu melhor. Depois de fazer o Pikante 1, tinha a obrigação de tentar fazer melhor. Um DJ não pode fazer um disco mais ou menos. Ou faz para tocar, ou



não faz, porque é um juiz que conhece bem aquilo que toca e que faz dançar.

Como está a produção musical nacional?

A produção baixou muito e é normal dividido à crise em Angola. Mesmo assim, tentamos dar o melhor. Mas foi uma queda muito grande. Antes da crise, todas as semanas, havia um disco novo. Agora, nesta fase, só saíram sete discos na praça.

A música é das melhores apostas?
A música é sempre um negócio. É algo que ninguém despensa, tem várias vertentes para o negócio, mas não vou dizer que é a melhor aposta do mercado, mas tem o seu espaço.

Os músicos reclamam da falta de apoio. Como podem ser ajudados?
Apoio? Não existe empresário que só quer ajudar. De dez, talvez só um possa dar. Todo o mundo que pretende ajudar quer sempre ganhar alguma

PERFIL

Nome: Dias Correia Rodrigues
Naturalidade: Luanda
Estado civil: Casado
Filhos: 4 filhos
Desporto que pratica: futebol
Clube que apoia: ‘1 de Agosto’ e Sporting de Portugal
Maiores conquistas:
Os meus filhos

A música é sempre um negócio. É algo que ninguém despensa, tem várias vertentes para o negócio, mas não vou dizer que é a melhor aposta do mercado.

coisa. O empresário angolano, muitas vezes, foge. É a lei de quem tem cinco para receber 15. Já nem vou falar do Ministério da Cultura, porque até o esquecemos! Está tudo complicado. Até para gravar tem de se ter algum no bolso. As produtoras querem ter retorno financeiro. Já passou essa fase de ajudar. É com muita tristeza que vemos muitos músicos a morrer sem sequer terem comida. Será que nunca tiveram apoio? Hoje fica tudo mais complicado, todo o mundo gosta de música, mas na hora são só mentiras.

A repescagem de sucessos antigos tem algum propósito?

A música angolana nunca morre. O semba tem algo de muito especial e tudo o que é música do passado representa momentos únicos e especiais. Nós, os jovens, temos a dura missão de dar continuidade àquilo que foi feito. Estamos a melhorar e a

modernizar as músicas antigas que, para nós, não morrem.

Tem autorização dos donos das músicas para fazer nova roupagem?
As músicas estão registadas na SPA ou na SADIA. Não se paga directamente a eles, mas, de qualquer forma, fizemos menção na capa do disco o título das músicas e o autor, que também é essencial para não fazermos morrer as músicas. Estamos bem encaminhados para continuarmos a produzir. Depois de mais de 20 anos, torna-se música popular a qual não temos qualquer problema em regravar, deste que se cumpra com os trâmites legais.

O que o sexto ‘Pikante’ terá de diferente?

O sexto será diferente de todos, em termos de estilo e de prioridades. Não vou fugir muito do habitual, mas terá sempre algo especial. Será composto por semba, semba cadenciado, r&b, zouk, kizomba, músicas tradicionais. Resumindo, músicas para dançar.

Quando é que vai ser lançado?

Estava tudo programado para sair em Dezembro, mas, devido a alguns atrasos financeiros, prefiro concluir tudo entre Janeiro e Março. As músicas promocionais estão sempre a tocar como ‘Céu’, com C4 Pedro, e ‘Nossa Música’, de HeavyC.

Todos os seus projectos estão ligados só à música?

Quase todos. Faço aquilo de que gosto. Tenho a empresa DR Produções, de espectáculos e eventos. Quando não estou 100%, está sempre alguém que me representa melhor.

Entra na música por influência dos irmãos. Está a preparar também o seu filho para este mesmo caminho?

(Risos...). Na vida há sempre seguidores. Às vezes, cria-se o próprio dom. Os meus manos fizeram-me o que sou, um DJ que toca tudo. O puto sempre me observou e também se fechava no quarto a treinar técnicas de misturas. Hoje está mais maduro, mas não pode deixar de estudar. Tem de estudar se quiser tocar.

NÚMEROS DA SEMANA

69,1

Milhões de dólares é o montante que o Estado prevê gastar com subsídios aos milhares de sobas que existem nas 18 províncias, segundo a proposta do OGE 2017.

400

Milhões de dólares é o valor que custou a reabertura da indústria têxtil Lassola, antiga África Têxtil, que esteve paralisada há 26 anos, em Benguela.

16

Por cento é o valor da taxa básica de juro, durante o mês de Dezembro, por decisão do BNA, informou a instituição.

500

Mil kwanzas é o valor que a delegação do Caminho de Ferro de Moçâmedes no Kuando-Kubango arrecada diariamente com o transporte de carga e passageiros.

PREVISÃO DO OGE 2017

Empresas públicas capitalizadas

As empresas públicas deverão ser capitalizadas com, pelo menos, 70 mil milhões de kwanzas, no próximo ano. De acordo com a proposta de Orçamento Geral de Estado (OGE) de 2017, o valor acresce-se a

outros 80 mil milhões de kwanzas previsto no OGE de 2016 revisto e aprovado em Setembro.

A capitalização vai abranger mais de 70 empresas. O Fundo Monetário Internacional, citado pela Lusa,

estima que a dívida pública da administração do Estado e das empresas públicas, incluindo a TAAG e Sonangol, ultrapassará os 70% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2017.

Dados do Instituto para o Sector Empresarial Público (ISEP), publicados em Setembro, dão conta de que apenas oito empresas estatais tiveram, na altura, os processos de prestação de contas homologados e aprovados sem reservas, num universo das 75 que apresentaram as contas de 2015. Das empresas que compõem a classe empresarial do Estado, 53 fecharam as contas naquela altura, enquanto as restantes 47 realizaram auditorias. Um total de 29 empresas públicas viram as contas homologadas.



RELATÓRIO EMIS

3,6 mil milhões nos multicaixas

Os clientes dos bancos comerciais realizaram, por via das caixas de pagamentos automáticos, 92,3 milhões de levantamentos até Outubro, equivalentes a 3,6 mil milhões de kwanzas diários, revelam dados da Emis, empresa gestora da rede multicaixa, citados pela Lusa.

De acordo com a Emis, o número de levantamentos ainda permanece abaixo dos 100 milhões de operações, máximos atingidos durante os 12 meses de 2015, mas o montante levantado já 'bateu', até Outubro, máximos anuais. Em apenas 10 meses de 2016, os clientes levantaram na rede multicaixa 1.120 milhões de kwanzas, o equivalente a quase 3,6 mil milhões kwanzas por dia.

O anterior pico de montantes levantados na rede interbancária nacional atingiu-se no final de 2015, em que foram levantados das máquinas automáticas, em 12 meses, mais de 1.114 mil milhões de kwanzas. A influenciar está a forte desvalorização do kwanza face ao dólar (23,4% em 2015 e 18,4% no primeiro semestre deste ano), bem como a crescente inflação, que em Outubro já rondou os 40%.

MAIS UM CRÉDITO CHINÊS

Angola recebe mais 7 mil milhões USD

O ministro das Finanças, Archer Manguerra, anunciou ter fechado, em Pequim, mais de 7.800 milhões de dólares de financiamento chinês para cerca de quatro dezenas de projectos de obras públicas em Angola.

De acordo com o governante, o financiamento chinês visa a construção do porto de águas profundas do Caio, em Cabinda, já em curso e que prevê receber os primeiros navios no final de 2017, este no valor de 831 milhões de dólares. O financiamento prevê mais 37 acordos específicos para obras em várias áreas, como energia e águas, habitação ou reabilitação de estradas, ao abrigo da Linha de Crédito da China.

Em 2015, aquando da visita do Presidente da República, José Eduardo dos Santos, ao país asiático, tinha sido já anunciado que a Linha de Crédito

da China (LCC) iria financiar 155 projectos, envolvendo um montante de investimento de 5,2 mil milhões de dólares. Os projectos serão executados por empresas chinesas.

Prevê-se que Luanda mobilize cerca de um quinto do total do investimento, com 1.026 milhões

de dólares em 18 projectos, seguida do Huambo, com 776 milhões de dólares para 12 projectos. Apesar de executados por empresas chinesas, o Governo garantiu que estes projectos terão também uma incorporação maior de materiais e empresas nacionais.



O VALOR ESTA SEMANA

DO BNA E FINANÇAS

Fundo beneficia de apoio

Os conselhos consultivo e de administração do Fundo Soberano de Angola (FSDEA) vão passar a contar com o apoio do BNA e do Ministério das Finanças. Objectivo é dar apoio a Filomeno dos Santos nas decisões de natureza política e regulamentares do organismo, que apresentou, pela primeira vez, contas auditadas segundo normas internacionais. Pág. 15



INDÚSTRIA

Vidrul 'acelera' produção

A fábrica de garrafas Vidrul, situada em Cacucaco, Luanda, vai investir, no próximo ano, cerca de 40 milhões de dólares na instalação de uma nova linha de produção. Com a materialização do projecto, a fabricante de embalagens de vidro passará a produzir, em 2017, frascos de vidro, além de aumentar a produção de garrafas. Pág. 19

INCLUSÃO FINANCEIRA

Adultos 'sem' contas

A percentagem de adultos em Angola com uma conta numa instituição financeira situa-se abaixo dos 30%. A revelação é do especialista sénior do Banco Mundial, Mazen Bouri, tendo realçado que existe, no país, um "fosso na inclusão financeira entre a capital e o resto do país". Pág. 10